

PORTO: 1881 — TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA  
62, Cancella Velha, 62

X  
PINHEIRO CHAGAS

# BRAZILEIROS ILLUSTRES

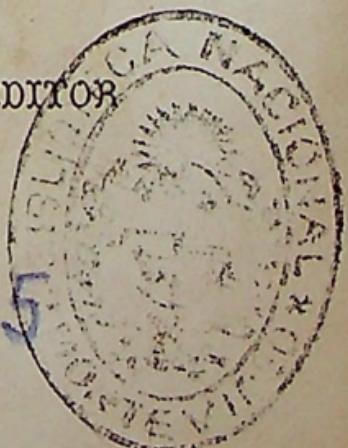


*Luis Melian Lafinur*  
50.842

LIVRARIA INTERNACIONAL  
DE  
ERNESTO CHARDRON, EDITOR  
Porto e Braga

1881

80.485



BRASILIA. 1878.

## PROLOGO

---

Publicando este pequeno livro dos BRAZILEIROS ILLUSTRES, não foi nem por sombras intenção minha ir preencher uma lacuna da litteratura brazileira. Nem me sentia com forças para isso, nem a litteratura brazileira precisa dos subsidios de um escriptor estrangeiro, embora pertencente a uma nação irmã. Tendo porém escripto o livro dos PORTUGUEZES ILLUSTRES, livro que foi acolhido com favor em Portugal e no Brazil, collecção

de pequenas biographias que se julgou bastante apropriado para o ensino escolar, lembrei-me de completar por assim dizer esse livro com um outro que se intitulasse — BRAZILEIROS ILLUSTRES, e que nas escolas brasileiras pudesse tambem ser de alguma fórmula utilisado.

O Brazil é um dos paizes — diga-se em sua honra — que mais zela as suas proprias glórias. Sabe prestar homenagem a todos os seus filhos que de alguma fórmula se distinguiram. Attestam-no, entre muitas outras publicações, o riquissimo ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO, o magnifico PANTHEON MARANHENSE, as biographias de brazileiros illustres publicadas regularmente na REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO e ainda recentissimamente as EPHEMERIDES NACIONAES do snr. Teixeira de Mello.

Todos esses livros encerram elementos preciosissimos para a historia dos homens illustres brazileiros; o que faltava, porém, era a condensação de todos esses estudos n'uns pequeninos esbocetos, que formassem uma galeria infantil, um PLUTARCHO DE LOS NIÑOS, como o que fez com relação aos homens illustres de todos os paizes um escriptor hespanhol.

Foi essa tarefa a que ousei empreender; é quasi baseado exclusivamente este livro em subsidios brazileiros. Consagrado ás glorias do Brazil, só aspira a ser util ao Brazil tambem, e a provar-lhe que, apesar da separaçao politica, Portugal continua a zelar as glorias brazileiras como se fossem suas e a ufanar-se d'ellas, porque no fim de contas é ainda o mesmo sangue generoso o que pulsa nos corações dos doux povos,

Este livro porém é apenas uma tentativa. Se fôr bem acolhido, na segunda edição procurarei ampliar esta galeria por ora extremamente reduzida, tornando-a um mais vasto pantheon das glórias brasileiras.

Lisboa 25 de maio de 1881.

*Linheiro Chagas.*

# BRAZILEIROS ILLUSTRES

---

---

## I

### **Ararigboa**

Este nome, que significa *cobra feroz*, designa um selvagem brazileiro, que foi aliado fiel de Mem de Sá, de Estacio de Sá e de Salvador Corrêa de Sá nas suas luctas contra os franceses e os tamoyos, e seu auxiliar na fundação da cidade do Rio de Janeiro. De 1560 a 1565 combateu sempre ao lado dos portugueses com bravura não desmentida, e uma vez salvou da morte inevitável Salvador Corrêa de Sá. El-rei D. Sebastião recompensou-o, fazendo-o capitão-mór d'uma aldeia, mandando-lhe um vestuário completo de seu uso, uma tença de 11\$000 reis e o hábito de Christo. Baptisando-se, tomou o nome de Martim Affonso de Sousa. Morreu afogado.

lumna de cavallaria. Em Alcacer-Kibir portou-se com extremo valor, defendeu, em quanto pôde, o seu rei D. Sebastião, e quando este, tendo-lhe morrido o cavallo, se achou a pé no meio dos mouros, Jorge d'Albuquerque cedeu-lhe sem hesitação o seu proprio cavallo, perdendo assim, com a maior singeleza, todas as esperanças de salvação, para dar ao seu monarca, ao chefe do seu paiz, uma probabilidade de escapar á morte.

Efectivamente, não tardou a cahir, coberto de feridas, sendo levado como prisioneiro para Fez, onde soffreu uma dolorosa operação nas pernas, que o deixou aleijado para toda a sua vida. Resgatado já no tempo do dominio hespanhol, voltou para Portugal, mais venturoso do que seu irmão que morreu captivo.

Pelo fallecimento d'este herdára Jorge d'Albuquerque a capitania de Pernambuco, mas isso de nada lhe servia, porque estava invalido para a defender contra as aggressões dos indios, indigente para a sustentar e desenvolver. O rei Philippe ii, desejando captivar homem de tanta fama, que se mostrava esquivo ás suas regias ordens, offereceu-lhe auxilios para poder manter a provincia americana de que era donatario. Aceitou-os Jorge d'Albuquerque para não desbaratar o patrimonio de seus filhos, mas não vol-

---

tou ao Brazil, fazendo-se representar em Olinda por seu filho Duarte, logo que este chegou á idade propria. Ficou em Portugal, onde entreteve os ocios da sua velhice escrevendo alguns estudos e algumas memorias historicas sobre as guerras da exploração do Brazil. Ahi morreu, provavelmente nos principios do seculo xvii, porque em 1596 sabemos nós que ainda vivia.

Tornou-se celebre Jorge d'Albuquerque Coelho em primeiro lugar pelas suas desgraças, entre as quaes avulta principalmente a da sua desastrosa viagem maritima do Brazil para Lisboa, em segundo lugar pelo brio e abnegação com que se portou na batalha de Alcacer-Kibir, dando n'uma época, já profundamente eivada pelo egoismo, um exemplo notavel de patriotismo heroico e de coragem sobre-humana.

## IV

### **Salvador Corrêa de Sá e Benevides**

Pôde-se dizer que é este o patriarcha dos heroes fluminenses, porque foi talvez o primeiro homem notável que nasceu na cidade do Rio de Janeiro, de que seu avô fôra um dos fundadores. Foi em 1594 que Salvador Corrêa nasceu. Tinha apenas 18 annos, e já escoltava através dos mares um comboio de trinta navios, que chegou a Portugal a salvamento. Treze annos depois corria em socorro da Bahia, cercada pelos hollandezes, e de caminho expulsava-os do Espírito Santo. D'ahi a nove annos era nomeado almirante do mar do sul e combatia vitoriosamente os indios do Paraguay. Finalmente tres annos depois foi nomeado capitão-mór da capitania do Rio de

Janeiro, onde estava ainda em 1640, podendo alli acclamar entusiasticamente a realeza de D. João IV e a independencia de Portugal. Em 1647 recebeu o commando da esquadra que devia escoltar até á Europa os navios do commercio do Brazil; no desempenho d'esse cargo fez tres viagens sem transtorno. Finalmente, pondo-se á frente d'uma expedição insignificante relativamente á grande empresa que ia tentar, reconquistou o reino de Angola de que os hollandezes se tinham tambem apossado. Recebendo em 1658 o governo das capitanias do sul do Brazil, governo que estava sendo independente do governo central estabelecido na Bahia, soube administral-as com grande habilidade. Em 1661 entregou o governo, e partiu para Lisboa, onde foi recebido com frieza. Em vez de o recompensarem pelos altos serviços que prestára, recompensaram um seu filho, a quem fizeram visconde da Asseca. Julgavam talvez que o injuriavam com a preferencia! O que vale é que os intrigantes de certa especie não podem comprehendender os grandes affectos do coração humano, e não sabem que mais recompensam os paes com as mercês concedidas aos filhos, do que poderiam recompensal-os com as mercês que a elles lhes dessem.

Em 1667 D. Affonso VI, que se vira obrigado a

arredar dos seus conselhos o seu grande ministro conde de Castello-Melhor, pediu conselho a Salvador Corrêa de Sá no lance apertado em que se via. Salvador Corrêa deu conselhos energicos e offereceu-se para os executar. Bastou isso para que, logo que o infante D. Pedro tomou conta da regencia, o mandasse prender. Solto pouco depois, voltou a tomar assento no conselho ultramarino, até que morreu no dia 1 de janeiro de 1688, tendo 94 annos de idade, lamentando não morrer no seio dos combates.

O restaurador de Angola é n'esse seculo xvii, em que houve, por assim dizer, ainda uma recrudescencia de heroismo, um dos heroes mais verdadeiramente notaveis da grande epopêa do Portugal decadente.

## V

**Mathias d'Albuquerque**

Mathias d'Albuquerque, nomeado conde d'Alegrete em recompensa da victoria de Montijo, teve a honra insigne de ganhar a primeira batalha que se pelejou nas guerras da Restauração de 1640. Nascido no Brazil na segunda metade do seculo xvi, era governador de Pernambuco quando os hollandezes principiaram a cubiçar as colonias portuguezas da America. Authorisava-os a conquistar-as o pertencerem elles, da mesma forma que Portugal, á vasta monarchia hespanhola, que trazia guerras com a juvenil republica. A primeira cidade, que tomaram, foi a Bahia, e ahi aprisionaram o governador do Brazil Diogo de Mendonça Furtado. Recebendo da Europa a

nomeação de governador interino da colonia, Mathias d'Albuquerque expediu com actividade reforços aos bahianos, que, dirigidos pelo bispo D. Marcos Teixeira, prolongavam no Reconcavo a resistencia aos hollandezes, e concorreu poderosamente para que se reconquistasse a capital. Em 1630 coube a Pernambuco a sorte infeliz; de nada valeram contra a superioridade do numero o heroismo de Mathias d'Albuquerque e a dedicação dos poucos homens validos que o ajudaram na defeza. Pernambuco succumbiu; Mathias d'Albuquerque, com soccorros da Europa, manteve-se contudo nos arredores da cidade, inquietando os hollandezes com uma pequena guerra sem treguas. Apesar d'isso, o governo hespanhol mando-o recolher preso a Lisboa, e encerrou-o no castello de S. Jorge. Punia-se como crime o infortunio, e chamava-se impericia do general ao que fôra apenas desleixo do governo. Abriu-lhe as portas do castello a revolução de 1640. Sahiu fremente de vingança, e logo principiou, por ordem de D. João IV, a organizar activamente a defeza do Alemtejo.

Não estavam terminados contudo os seus infortunios. As suspeitas de D. João IV, quando se descobriu a conjuração anti-patriotica do marquez de Villa-Real e do arcebispo de Braga, abrangeram os vultos mais immaculados; e Mathias d'Albuquerque, apesar do

absurdo d'uma accusaçāo que indigitava como cumplice dos hespanhoes quem fôra victimâ d'elles, não escapou a ser preso. A sua innocencia tornou-se evidente, e Mathias d'Albuquerque, pouco tempo depois, retomou o commando do exercito do Alemtejo. Em 1644 ganhou contra o barão de Mollingen, em terras hespanholas, a brilhante victoria de Montijo, que teve uma influencia incalculavel, porque deu aos portuguezes confiança em si mesmos, e foi a bellica sancção do movimento do 1.º de dezembro.

Em 1646 travou nova batalha em Tolosa contra o mesmo barão de Mollingen, mas não lhe sorriu tão prospera a fortuna. Intrigas e discordias dos seus subordinados tiraram-lhe das mãos a victoria, e, posto que não fosse derrotado, teve com tudo que retirar, atravessando em boa ordem o Guadiana. O desgosto que isto lhe causou e a indifferença com que el-rei o tratava obrigaram-n'o a largar o commando, e apressaram talvez a sua morte, que veio a realisar-se no principio de 1647. Falecia longe dos campos de batalha, privado do bastão de commando, o homem que primeiro cingira com a auréola da victoria a resurgida bandeira de Portugal!

**Luiz Barbalho Bezerra**

Este illustre official nasceu nos fins do seculo xvi em Pernambuco. Quando os hollandezes tomaram esta cidade, já elle era militar. Reunindo toda a gente de que pôde dispôr, foi immediatamente apresentar-se a Mathias d'Albuquerque. Este só cedeu a capitania palmo a palmo, e um dos vultos mais heroicos d'essa guerra foi sem duvida alguma Luiz Barbalho Bezerra.

Em 1635 Mathias d'Albuquerque viu-se obrigado a abandonar de todo a capitania, e Luiz Barbalho Bezerra ainda prolongou a resistencia por quatro mezes na fortaleza de Nazareth, vendo-se em sim obrigado a capitular. Foi prisioneiro para Hollanda, con-

seguiu fugir para Hespanha, passou a Lisboa, organizou um terço e partiu para o Brazil. Contribuiu muito para a defeza da Bahia contra Mauricio de Nassau, e com mil homens embarcou a bordo da esquadra do conde da Torre para tentar alguma empresa grande nas terras sujeitas ao dominio hollandez. Vieram os temporaes; o conde da Torre desembarcou Barbalho Bezerra no primeiro ponto que se lhe deparou e partiu para o mar alto. Ora Luiz Barbalho achava-se exactamente no Rio Grande do Norte, em pleno territorio hollandez, e tinha penetrado nas tres capitarias sujeitas ao dominio inimigo. Nem um instante pensou em entregar-se, e sem hesitação resolreu-se a emprehender a sua terrivel marcha.

Recebendo mantimentos amigavelmente nas terras que lhe eram favoraveis, tomando-os á viva força e queimando o que não podia levar das povoações hostis, ia marchando Luiz Barbalho para o sul com infinita cautela, procurando evitar sempre um recontro com tropas hollandezas. Mas em Pernambuco soubera-se d'essa audaciosa marcha, e enviára-se uma columna em sua perseguição. Foi então que Luiz Barbalho Bezerra desenvolveu raras qualidades estrategicas, de vez em quando sumindo-se nas florestas, e logo depois cahindo como um raio sobre a columna hollandeza para a molestar e desappare-

cer immediatamente. Em Goyanna não pôde deixar de passar e ahi teve de se bater com um corpo de quinhentos e trinta hollandezes. Derrotou-os e proseguiu na sua marcha até ao rio de S. Francisco. Atravesou-o e achou-se em sín no territorio portuguez, onde podia ser apoiado. A perseguição hollandeza também parou alli.

Estava terminado um dos mais brilhantes feitos d'armas d'aquelle tempo, a celebre retirada elogiada pelos proprios escriptores hollandezes.

Em 1640 um episodio lamentavel fez com que Barbalho Bezerra viesse preso para Lisboa, por se ter assenhoreado do governo da colonia, que pertencia ao marquez de Montalvão. Reconhecida a boa fé com que procedera, porque julgára cumprir as ordens de D. João IV, que um padre jesuita lhe transmitira adulteradas, Barbalho Bezerra voltou ao Brasil honrado com o titulo de governador do Rio de Janeiro, e esse cargo estava exercendo quando morreu no dia 15 d'abril de 1644.

## VII

### D. Antonio Philippe Camarão

Este celebre indio do Brazil, cujo verdadeiro nome era Poty, foi um dos heroes da lucta que se travou para arrancar Pernambuco ao jugo hollandez. Nasceu não se sabe se no Ceará se no Rio Grande do Norte. Sabe-se apenas que em 1614 já elle era chefe de Potyguares e christão. Tomára no baptismo o nome de Antonio, a que juntou o de Camarão, que é a palavra *Poty* traduzida em portuguez, e a estes dous nomes juntou depois o de Philippe, em reconhecimento das mercês que lhe fizera D. Philippe IV de Hespanha.

Sempre grande amigo dos portuguezes, já viera a pé das suas florestas nataes para acompanhar Je-

ronymo d'Albuquerque ao Maranhão n'uma expedição contra os franceses, mas, chegando muito estropiado ao ponto de embarque, não pôde tomar parte na campanha. Em 1630, tendo sido tomado Pernambuco pelos hollandezes, e tendo-se refugiado Mathias d'Albuquerque no campo entrincheirado a que chamam Arraial do Bom Jesus, Antonio Camarão apresentou-se-lhe com os seus indios, e foi um dos seus mais dedicados e intrepidos auxiliares como capitão de emboscadas, desde 1631 até 1635, mostrando-se verdadeiro flagello dos hollandezes. Em 1636 sucedeu a Mathias d'Albuquerque D. Luiz de Rojas. Batido pelos hollandezes em Matto Redondo, e ficando sem o seu general que morrera no campo da batalha, foi a Camarão e ao capitão Rebello que o exército pernambucano deveu não ser completamente destruído pelo inimigo. Nesse mesmo anno de 1636, o conde Bagnuolo, sucedendo no commando a D. Luiz de Rojas, encarregou Camarão de se internar com 360 homens, entre portuguezes, indios e negros, pelo territorio que os hollandezes senhoreavam para lhes fazer o mal que pudesse. Chegou Camarão até ao districto de Goyanna, espalhou o terror entre os inimigos, a ponto de ter sido enviado contra elle um dos mais notaveis chefes hollandezes, o general Artichoffsky, que foi com tudo batido pelo intre-

rido e intelligente indio. Essa batalha, ganha em tão desfavoraveis condições por um pobre chefe ainda meio selvagem contra um habil e experimentado general europeu, cobriu de gloria o heroico Poty, e, quando este voltou a Porto-Calvo, onde estava o conde Bagnuolo, com as suas tropas e um longo se-quito de familias portuguezas que tinham preferido emigrar a viver debaixo do dominio dos hollandezes, e que Camarão escoltára intrepidamente através do territorio inimigo, quando voltou a Porto-Calvo, teve uma verdadeira ovação. No dia 16 de fevereiro de 1637, elle e sua mulher Clara Camarão portaram-se heroicamente na pouco feliz batalha de Porto-Calvo; em 1638 contribuiu efficazmente para a brilhante e venturosa defeza da Bahia, sitiada por Mauricio de Nassau, e foi então que Philippe iv de Hespanha, para recompensar o glorioso chefe, lhe concedeu o titulo de *Dom* para elle e para sua mulher e o habito de Christo.

Em 1640 a noticia da restauração de Portugal, a que o Brazil logo aderiu, veio estabelecer uma tregua entre portuguezes e hollandezes, que pareciam não dever guerrear-se, tendo ambos a Hespanha como inimiga commun, mas essa tregua era, nem podia deixar de ser, pouco respeitada. Os hollandezes não estavam dispostos a restituir a Portugal a colo-

nia que tinham conquistado á Hespanha, e os brazi-leiros tambem não estavam dispostos a abandonar Pernambuco. Portanto portuguezes e hollandezes, aliados na Europa, eram fatalmente inimigos na America, a tregua official não foi mantida, e Camarão, á testa d'uma guerrilha, continuou a hostilizar os hollandezes tanto quanto pôde. Em 1645 favoreceu o pronunciamento dos pernambucanos, e, fazendo a sua juncção com Vieira e Vidal de Negreiros, distinguiu-se muito nos diferentes combates d'essa guerra, sustentada pelos pernambucanos heroicamente sem auxilio official da metropole. No dia 19 d'abril de 1648, D. Antonio Philippe Camarão commandava a ala direita do exercito pernambucano na primeira batalha dos Gararapes. N'esse mesmo anno saltou-o uma febre violenta no Arraial Novo do Bom Jesus, e matou o intrepido indio que tão generoso e desinteressado aliado fôra dos portuguezes.

## VIII

### **Henrique Dias**

Foi um preto que se tornou celebre pelo seu valor na guerra que arrancou aos hollandezes Pernambuco e as capitaniais vizinhas. Nasceu em Pernambuco, filho de paes africanos, e aprendeu a lêr. Em 1633 apresentou-se o creoulo Henrique Dias, que era preto livre, com alguns homens da sua côr, a Mathias d'Albuquerque, offerecendo-se para combater pela patria. Aceitos os seus serviços, logo se distinguiu á frente de 35 pretos no combate de Iguarassú, onde foi ferido duas vezes. Em 1635 cahiu prisioneiro quando o Arraial do Bom Jesus se rendeu, mas os hollandezes, vendo um preto, não fizaram caso d'elle e deixaram-n'o ir em paz. Henri-

que Dias tratou logo de se ir apresentar em Porto-Calvo ao general portuguez, e não tardou a distinguir-se no combate de 9 de junho de 1636.

Em 17 e 18 de fevereiro de 1637 é elle quem á frente de 80 pretos decide a victoria nas batalhas de Porto-Calvo, em que é ferido na mão quando corre mais severa a peleja. Amputam-lhe a mão e elle volta ao combate.

Philippe IV deu-lhe então o habito de Christo, o fôro de fidalgo, a patente de cabo e governador dos homens pardos e creoulos com o ordenado de quarenta cruzados mensaes e o titulo de mestre de campo.

Desde 1637 até 1645, Henrique Dias, infatigavel guerrilheiro, não deixa um momento de descanso aos hollandezes, e, quando Mauricio de Nassau quer cercar a Bahia, Henrique Dias distingue-se ainda na brilhante defeza da cidade.

Em 1645 foi juntar-se a Fernandes Vieira, que estava á frente da insurreição pernambucana, e de passagem animou o pronunciamento da província das Alagoas. Nas duas batalhas dos Gararapes distinguiu-se muitissimo, e quando os outros chefes quizeram tomar a ilha de Itamaracá, exerceu elle por algum tempo o commando das forças que cercavam o Recife.

Comtudo, expulsou os hollandezes e D. João IV  
não se lembrou d'elle nas recompensas que os outros  
chefes não deixaram de receber. Henrique Dias era  
preto, e o que por elle se fizera foi julgado bastan-  
te, senão demasiado.

Morreu quasi esquecido no Recife no dia 31 de  
agosto de 1661.

## IX

### **André Vidal de Negreiros**

Nasceu este illustre general brazileiro em Paraíba no principio do seculo XVII. Na heroica resistencia de Pernambuco, intentada com exito infeliz por Mathias d'Albuquerque, distingue-se André Vidal como ajudante do capitão Sebastião do Souto, depois figura entre os mais intrepidos defensores da Bahia. Quando Fernandes Vieira começou a agitar Pernambuco contra os hollandezes, Vidal de Negreiros entra no territorio pernambucano, singindo que nada tem com o governo portuguez, toma a direcção militar da insurreição, ganha a batalha do Cerco-forte, e mostra-se heroe na bravura, na abnegação e na tenacidade. Quando D. João IV, [que os hol-

landezes ameaçavam na Europa, lhe dizia que abandonasse Pernambuco, André Vidal desobedecia abertamente; quando lhe ordenavam que queimasse as plantações que rodeavam Pernambuco, André Vidal desobedecia e só queimava as suas proprias. Quando porém o rei mandava um outro general em chefe aos insurgentes, Barreto de Menezes, André Vidal obedecia logo e sem a mais leve hesitação. Distinguiu-se ainda nas batalhas de Gararapes, e na tomada do Recife. Foi elle quem levou a D. João IV a noticia de que Pernambuco de novo lhe pertencia. Por isso teve bastantes galardões e recompensas. Governou depois Maranhão, Pernambuco e Angola, e morreu no dia 3 de fevereiro de 1691, poucos dias depois de João Fernandes Vieira, illustre madeirense, seu intrepido companheiro d'armas.

X

**Alexandre de Gusmão**

Filho do cirurgião-mór do presidio de Santos, Francisco Lourenço de Gusmão, este celebre diplomata, cujos irmãos se illustraram todos em diferentes ramos dos conhecimentos humanos, nasceu na villa, hoje cidade, de Santos em 1695. Estudou com os jesuitas e de idade de 15 annos passou a Lisboa, onde, protegido por seu irmão Bartholomeu Lourenço, que já gozava de muitos creditos, pôde entrar na diplomacia, acompanhando o conde da Ribeira-Grande em 1714 na sua embaixada á côrte de França.

Voltando a Portugal em 1720, com grande copia de conhecimentos adquiridos em Paris, foi empre-

gado por D. João v nas secretarias d'Estado. Em 1723 foi como negociador a Roma, para obter algumas d'aquellas pequeninas mercês que o frívolo e beato soberano andava sempre supplicando da corte pontifícia. N'essas negociações indignas do seu talento se empregou Alexandre de Gusmão, conseguindo ainda assim tudo quanto queria, e conquistando além d'isso a estima do Vaticano.

Voltando em 1731 a Portugal, foi encarregado da direcção dos negócios externos. Eram elles e D. Luiz da Cunha os dous únicos homens de vistos largas, que existiam depois da morte de Diogo de Mendonça, n'essa corte em que o beaterio predominava, e em que os aspectos serios da política nunca foram comprehendidos. Alexandre de Gusmão, contudo, ligou o seu nome a actos importantes e profícuos para o paiz e para a dignidade da corôa, tais como a reivindicação para o monarca do direito de apresentar os bispos eleitos á santa sé, para esta os confirmar, em vez de supplicar a sua confirmação, e o tratado dos limites sul americanos entre Portugal e Hespanha.

Nomeado em 1742 ministro do conselho ultramarino, devem-se-lhe muitas resoluções acertadas com respeito ás colonias, assim como á sua iniciativa, aos seus conselhos e á sua alta intelligencia

administrativa podemos attribuir algumas sabias providencias que illuminam as trevas do reinado fradesco de D. João v, e que em germen conteem uma grande parte das reformas do marquez de Pombal.

O fim da sua vida foi assinalado por infortunios pungentes. Morrendo D. João vem 1750, não foi Alexandre de Gusmão bem aceito ao governo de D. José; no incendio que lhe devorou a casa e os bens, teve a dôr immensa de perder dous filhos.

Morreu em 1754, d'idade de 58 annos.

Além de notavel diplomata e de ministro eminente, foi tambem Alexandre de Gusmão poeta de merecimento.

**Antonio José da Silva**

Uma desgraça horrivel deu lastimosa immortalidade ao nome d'este poeta, immortalidade que não grangearia talvez pelo seu talento comicó.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1705, d'uma familia hebraica. Passando a Lisboa conquistou uma grande reputação com as suas operas e comedias populares, abundantes de chiste muitas vezes grosseiro, faltas de regularidade, mas onde, a par de muitas pilherias e de muito movimento de scena, se encontram frequentes vezes idéas engenhosas, fecundas em effeitos comicos, e onde tambem como que se entre-adivinham verdadeiros dotes de observação.

Victima d'umas intrigas infames foi duas vezes

preso nos carceres do Santo-Oficio, e da segunda vez, apesar das tentativas dos seus protectores, entre os quaes se contava D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira, foi queimado publicamente no auto de fé de 18 d'outubro de 1739, accusado de perseverar nas crenças hebraicas de seus paes, o que elle todavia insistiu em negar até ao fim, sendo condenado como negativo, segundo as qualificações inquisitorias. Contava 34 annos.

Se tivesse mais larga vida, e, se em vez do odio d'um governo fanatico, encontrasse, como Molière, a protecção esclarecida d'um soberano como Luiz XIV, Antonio José, que tanto primou na farça, elevar-se-hia talvez a colher os louros perduraveis da alta comedia.

As suas producções mais celebres são a *Vida de D. Quixote* que tanto fazia rir Bocage, a *Vida de Esopo*, cheia de bons ditos, o *Labyrintho de Créta*, os *Encantos de Medéa* e principalmente as *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, que teem enredo gracioso, scenas alegres, e onde ha o typo de Lancerote, que rivalisa com o Geronte de Molière, e o de Semicupio, que nada fica a dever ao Scapin das farças do grande escriptor francez.

**Bento do Amaral**

Vivia este heroe no Rio de Janeiro, e era professor não se sabe de que doutrinas no anno de 1710, quando os francezes, commandados por Duclerc, atacaram a cidade. O governador portou-se mal, e permanecia n'uma deploravel inacção, quando Bento do Amaral, á frente dos seus estudantes e de paizanos armados, sahiu a tomar o passo aos invasores, repellindo-os energicamente, e dando lugar a que o ataque se mallograsse e os aggressores ficassem prisioneiros.

Não tardou Duguay-Trouin a vir tomar a desforra no anno immediato, e d'essa vez as forças eram mais numerosas, o chefe mais habil e mais energi-

co, ao passo que o governador portuguez era ainda o mesmo. Em setembro de 1711 Duguay-Trouin tomou o Rio de Janeiro quasi sem resistencia. Quem salvou ainda d'essa vez a honra da bandeira, foi Bento do Amaral, que á frente dos seus cincoenta estudantes combateu desesperadamente contra os franceses nas proximidades do outeiro da Glória no dia 22 de setembro de 1711, e alli morreu combatendo como um verdadeiro heroe. Os proprios inimigos lhe prestaram essa homenagem, e D. João v, por um publico diploma dirigido á familia de Bento do Amaral, louvou os serviços e a intrepidez do heróico professor.

### XIII

#### **Bartholomeu Bueno da Silva**

É uma intrepida figura de aventureiro, que se levanta no horizonte do seculo xvii no Brazil com uma grandeza selvagem e semi-legendaria. Filho de portuguez e de india, nasceu na capitania de S. Paulo, e partilhou com os seus patricios a indomavel sêde d'ouro que tantos crimes e tantas façanhas inspirou. Em 1682 organisou uma bandeira, penetrou no interior, e, encontrando indios goyazes arreriados com enfeites d'ouro, tratou-os com a maior affabilidade, pedindo-lhes que o conduzissem ao sítio onde o ouro se encontrava. Negaram-se os indios ; então Bartholomeu Bueno reune os chefes, e, mandando vir um barril de aguardente, despeja o li-

quido perfeitamente semelhante á agua n'uma bacia incendeia-o n'um vasto ponche, e, mostrando a chamma azulada aos indios aterrados, diz-lhes que incendiaria assim os seus rios e lagos se lhe não revelarem onde se encontra o ouro. Cahem-lhe os indios aos pés, e levam-o a um sitio, onde colhe ouro em abundancia e com a maior facilidade. A intrepidez e a astucia tornam realmente notavel este homem que é o perfeittissimo typo d'esses intrepidos bandeirantes, que, levados pela sêde do ouro, descobriram e exploraram o interior do continente americano.

**Bartholomeu Lourenço de Gusmão**

Pertencente a uma familia illustre pelo talento, foi um dos filhos do cirurgião-mór do presidio de Santos, Francisco Lourenço de Gusmão, que todos se distinguiram nas letras, ou nas sciencias ou na politica, sendo entre elles um dos mais notaveis Alexandre de Gusmão. Nasceu Bartholomeu Lourenço em 1685, estudou em Santos com os jesuitas, e foi-se formar a Coimbra em canones em 1700. Seguiu o estado ecclesiastico como padre secular, manifestou-se distincto orador sagrado, e applicando-se, por especialissimo gosto, ao estudo das sciencias physicas, pensou na possibilidade da navegação aérea, e inventou uma machina, que differia bastante dos balões actuaes, mas na qual subiu comtudo na presen-

ça d'el-rei D. João v e de toda a corte, até ao telhado da casa da India no dia 5 d'agosto de 1709.

Este espectaculo excitou grande entusiasmo, cantaram-n'o os poetas, recompensou-o el-rei dando-lhe uma conezia e a cadeira de mathematica na universidade de Coimbra, mas veio logo o fanatismo religioso do tempo embaraçar o sabio, que recebera do povo o cognome familiar de *voador*. Bartholomeu Lourenço tratava de aperfeiçoar a sua machina, que só se podia elevar até uma certa altura, quando o proprio rei lhe recommendou que terminasse as suas experiencias, porque podiain ser taxadas de diabolicas. Em compensação nomeou-o membro da Academia real de Historia, sendo um dos primeiros cincoenta que tiveram essa honra. Bartholomeu Lourenço escreveu a *HISTORIA DO BISPADO DO PORTO*, e outras memorias. Sendo encarregado de negociar em Roma a elevaçao da capella do paço a patriarchado, voltou sem o ter conseguido, e ou por isso, ou porque julgasse mesmo que Bartholomeu Lourenço se rira de sua *importante commissão*, o que é certo é que o padre descabiu do valimento do rei, o que tanto o assustou, por vêr que logo se desencadearam contra elle as iras dos fanaticos, que saiu de Portugal, e foi morrer na miseria em Toledo, no dia 18 de novembro de 1724.

Ainda que Bartholomeu Lourenço não atinou com o verdadeiro agente da navegação aérea, é certo que foi o primeiro que deu a esse problema uma solução prática, embora imperfeita. Quem sabe quais as modificações que o talentoso padre introduziria no seu invento? É certo que lhe cabe uma boa parte da gloria que toda reclamaram para si os irmãos Montgolfier, que d'ahi a 79 annos inventaram em França os balões.

**Fr. Fabiano de Christo**

Frade capucho, extremamente popular no Rio de Janeiro pela sua piedade e pelas suas virtudes evangelicas. Professou no convento de Santo Antonio da capital do Brazil em 1706, e morreu no dia 17 d'outubro de 1747, causando a sua morte geral consternação na cidade. O bispo, que era então D. fr. Antonio do Desterro, mandou proceder ás inquições necessarias para se provar que o frade praticára milagres, e innumeras pessoas concorreram a depôr, mas, apesar d'esses preparativos, o processo da canonisação não seguiu para diante, e o Brazil ficou sem ter um santo nacional no calendario.

XVI

**João Pereira Ramos d'Azeredo  
Coutinho**

Filho primogenito de Manoel Pereira Ramos de Lemos Faria e de D. Helena de Andrade Souto-Mayor Coutinho, nasceu este celebre magistrado no termo da villa de Iguassú, na provincia do Rio de janeiro, em 1722, e partindo para Portugal, foi formar-se na universidade de Coimbra, e seguiu a carreira da magistratura. Homem de elevado talento e de grande saber, foi muito apreciado e estimado pelo grande marquez de Pombal, que o nomeou ministro da junta d'exame do estado e melhoramento temporal das Ordens religiosas, guarda-mór da Torre do Tombo, e que juntamente lhe confiou o lugar im-

portantissimo de procurador geral da corôa, lugar que no tempo do grande marquez duplicou de importancia, e que Azeredo Coutinho desempenhou do modo mais brilhante. Era elle o braço direito do marquez de Pombal, um dos auxiliares das suas grandes reformas, um dos collaboradores d'aquelles maravilhosos decretos que renovaram a face social e economica de Portugal, e, se alguma vez se viu envolto em tristissimos negocios, como foi o da conspiração do duque d'Aveiro, muitas vezes felizmente pôde associar o seu nome a medidas verdadeiramente grandiosas, como quando foi nomeado membro da junta da providencia litteraria creada para tratar da reforma da universidade de Coimbra, de que foi membro tambem seu irmão, o celebre bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos. Quando cahiu o marquez de Pombal, João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho não voltou as costas ao sol poente, pelo contrario ousou ir visital-o no seu retiro, e como não tinham ousado demittil-o do elevado cargo a que elle dera tanto lustre, quando D. Maria I, proseguinto n'um systema de feroz e vingativa reacção contra o governo do marquez de Pombal, quiz metter em processo o grande ministro, João Pereira Ramos protestou energicamente contra semelhante pensamento, e ousou dizer face a face á

rainha D. Maria I que semelhante acto seria um desar e uma deshonra para o seu reinado. O processo não foi por diante, mas o intrepido procurador geral foi dispensado pelos ministros do exercicio das commissões de que estava incumbido, e caiu como seu irmão no desagrado da corte. Até ao fim porém soubera cumprir austeramente o seu dever, e impedir muitos actos de vingança estupida e de reacção absurda, que, querendo ferir o marquez de Pombal, iam muitas vezes ferir mais alto; foi assim que elle se oppoz á revisão do processo dos Tavoras, ou antes á publicação e execução da sentença revisora, que, pretendendo condenar o marquez de Pombal, condenava verdadeiramente el-rei D. José. Por isso, quando passou mais o movimento de reacção, a rainha apressou-se, por decreto de 3 de fevereiro de 1789, a chamal-o de novo ao exercicio activo do seu cargo, dando-lhe de novo entrada no conselho de ministros. Era tarde; n'esse mesmo anno de 1789 falleceu João Pereira Ramos com 67 annos.

## XVII

### **Sebastião da Rocha Pitta**

A vida do historiador da AMERICA PORTUGUEZA correu toda placida e sem nuvens, e o seu estylo sereno e limpido parece resentir-se da tranquillidade da sua existencia.

Nasceu a 3 de maio de 1660 na cidade da Bahia, estudou no collegio dos Jesuitas d'essa cidade, veio a Coimbra formar-se em canones, regressou á patria, e, graças á sua opulencia, foi nomeado coronel do terço de infanteria de ordenanças. Casou com uma senhora chamada D. Brites de Almeida, e recolheu-se a uma fazenda que possuia nas margens do Paraguassú.

Ahi viveu feliz e tranquillo, rodeado de filhos, e

começou a escrever a *HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA* que finalisou em 1728 e publicou em 1730, grangeando logo muitos applausos. Para a escrever conscientiosamente, estivera na Bahia, no Rio de Janeiro, em S. Vicente, e viera a Lisboa consultar bibliotecas e revolver archivos.

A publicação da *HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA* alcançou-lhe o diploma de socio da Academia real de Historia e o de fidalgo da casa real que D. João v lhe outorgára.

Retirou-se então para a Bahia, onde findou os seus dias, em paz como vivera, no anno de 1738.

Escripto n'uma época de gongorismo e affectação, o livro de Rocha Pitta nem sempre escapa aos defeitos do seu tempo, mas a maior parte das vezes, o estylo, sempre brilhante, não cahe no exagero. O livro encerra formosas paginas, principalmente descriptivas. Escripto com muita consciencia em quanto a investigações, não se exime á pecha de credulice milagreira que infelizmente gafa mais ou menos todos os historiadores portuguezes até ao começo do presente seculo.

## XVIII

### **D. Francisco de Lemos**

Não é das glorias menos apreciaveis do Brazil a de ter dado ao marquez de Pombal um tão grande numero de collaboradores na obra da regeneração da monarchia portugueza. Um dos mais importantes entre elles foi sem duvida o eminente bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, pertencente a uma familia, que toda se illustrou pelos seus talentos no serviço da patria. Foram seus irmãos João Pereira Ramos, o celebre procurador da corôa, Ignacio Azeredo e Clemente de Lemos. Nasceu no termo da villa de Iguassú, capitania do Rio de Janeiro, no dia 5 d'abril de 1735. Era filho do capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria.

Estudou no Rio de Janeiro, e passou depois á universidade de Coimbra onde deu taes provas de merecimento e progrediu com tanta rapidez que aos 19 annos era lente. Desejoso de voltar ao Brazil, e tendo já ordens sacras, requereu o lugar de deão na cathedral da Bahia; reteve-o o marquez de Pombal, que o tinha em muita conta, e, para lhe curar a nostalgia, concedeu-lhe mais altas dignidades, e nomeou-o aos 27 annos successor do bispo de Coimbra. Reservava-lhe altos destinos. Foi elle effectivamente o seu principal collaborador n'uma das obras mais importantes do seu governo, a reforma da universidade. Nomeado bispo de Coimbra e reitor do grande estabelecimento scientifico, que pautára por novos modélos, foi fiel ao seu grande protector, e, quando este se demitti do ministerio, demitti-se elle tambem da reitoria, que só tornou a exercer muitos annos depois, quasi no sim do seculo, para ceder ás instancias do principe regente D. João.

Já quasi octogenerio, foi D. Francisco de Lemos a Bayona, como membro d'uma deputação que ia desempenhar junto de Napoleão um papel humilhante, e pouco patriotico talvez. Só em 1810 regressou á patria, e, como se sentisse mal visto pelos seus conterraneos, requereu julgamento, foi absolvido, e entrou triumphante na sua diocese. Ainda o esperava

uma ultima honra. Nas primeiras eleições de deputados, que em Portugal se fizeram, foi eleito pelo Rio de Janeiro. A velhice e as enfermidades não lhe deixaram aceitar o diploma. Morreu com pouco mais de 87 annos, a 22 d'abril de 1822.

Espirito esclarecido e liberal, imbuira-se do pensamento reformador do marquez de Pombal, e demoliu esse baluarte do fanatismo e da rotina que se chamava universidade, onde se consumia o tempo dos alumnos em estudos tão frivulos como pedantes, para levantar sobre as suas ruinas um estabelecimento perfeitamente á altura do seu tempo, aberto de par em par a todas as innovações e a todas as conquistas da sciencia. Eis o grande serviço que D. Francisco prestou ao illustre ministro que lhe concedera a sua confiança. O seu papel na deputação humilhante enviada a Napoleão não foi tão profundamente desairoso como o dos seus companheiros. Padre, corria-lhe o dever de ser conciliador. Aos outros é que competia a resistencia.

## XIX

### **Francisco de Mello Franco**

Filho de João de Mello Franco e de D. Anna Caldeira, nasceu em Peracatú na provincia de Minas Geraes a 17 de setembro de 1757. Estudou no seminario de S. José do Rio de Janeiro, e, vindo para Lisboa aos 11 annos de idade, foi depois matricular-se na facultade de medicina em Coimbra, e, apaixonando-se pelas doutrinas dos encyclopedistas, foi preso nos carceres do Santo Officio, e quando sahiu casou com uma senhora que tambem lá estivera reclusa.

Durante o tempo da prisão compoz algumas elegias a que deu o titulo de **NOITES SEM SOMNO**, e consta que com José Bonifacio d'Andrade escreveu o poema **O REINO DA ESTUPIDEZ**.

Terminada a formatura, veio para Lisboa, e, sendo em 1767 admittido na Academia real das sciencias, apresentou a esta sociedade, em 1790, um TRATADO DE EDUCAÇÃO DE MENINOS, que foi muito elogiado e applaudido, e além d'esta obra escreveu tambem uns ELEMENTOS DE HYGIENE que lograram grandes creditos e de que se fizeram successivamente tres edições. Foi com Bernardino Antonio Gomes a Leorne assim de acompanharem ao Rio de Janeiro a princeza Leopoldina, esposa de D. Pedro I, mas, apenas chegou áquella capital, houve quem fizesse acreditar a D. João VI que Mello Franco fôra um dos conspiradores, que em Lisboa o tinham querido destronar, e por isso foi-lhe prohibida a entrada no paço. Teve com isso grande desgosto, ainda aggravado pela perda da riqueza que adquirira. Isso não o impediu comtudo de trabalhar e de trabalhar com alma. Achando-se doente, saiu do Rio de Janeiro para S. Paulo a procurar allivios, e morreu no caminho, na altura de Ubatuba, a 21 de julho de 1823.

## XX

### **Jose Basilio da Gama**

Poeta distinctissimo, nasceu na villa de S. José, em Minas Geraes, no anno de 1740. Estudando no collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro, quando a Companhia foi abolida no anno de 1751, continuou os seus estudos no seminario episcopal, passando no anno de 1763 a concluilo em Lisboa.

De Lisboa passou a Roma, onde esteve empregado n'um seminario. Voltando a Portugal, sempre em busca dos meios de subsistencia que lhe escasseavam, d'aqui regressou ao Brazil, d'onde, indigitado aos odios do governo por algumas poesias que endereçára aos jesuitas seus antigos protectores, foi remetido a Portugal.

Em Lisboa estava já para ser degredado para Angola, quando teve a feliz idéa de dirigir uma supplica em verso á filha do marquez de Pombal: o talento que a poesia revelava, chamou para elle a attenção do ministro, que desejou conhecê-lo, e des- cortinando a sua vasta intelligencia, empregou-o no seu gabinete e proporcionou-lhe vida feliz e tranquilla. Grato ao seu protector, quando a desgraça o fulminou, José Basilio da Gama conservou-se fiel no infortunio e ganhou a estima da posteridade, cuja admiração já lhe era devida pelos seus magnificos versos.

Esta nobreza d'alma não podia ser então apreciada dos jesuitas, agora de novo, ainda que a socapa, triumphantes, e accusaram-n'o de traidor, por elle ser cortezão do desvalimento do marquez de Pombal, como o fôra do desvalimento d'elles.

Amargurado por estes desgostos, correu o resto da existencia de José Basilio da Gama, existencia que tivera apenas um passageiro clarão de felicidade, ora no Rio de Janeiro, ora em Lisboa, onde morreu obscuramente a 1 de julho de 1795, tendo sido nomeado socio correspondente da Academia real das sciencias a 10 de fevereiro do mesmo anno. O seu mais notavel titulo de gloria é o poema URUGUAY, que celebra a guerra movida em 1756 por Gomes

---

Freire de Andrade, conde de Bobadella, aos indígenas aldeados no sul da America pelos jesuitas. Além das bellezas da dicção e da alteza epica dos episódios, distingue-se este poema pelo esplendor dos quadros, que n'elle abundam, da natureza tropical, e pela como que adivinhação das minas de poesia, que se encerram nos costumes dos povos primitivos e incultos da ardente America. José Basilio da Gama foi no seculo XVIII, e antes de Chateaubriand, precursor de Fennimore Cooper.

XXI

**Claudio Manoel da Costa**

Singular destino ligou dous dos mais notaveis poetas com que o Brazil enriqueceu a litteratura portugueza: Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga. Ambos lyricos de primeira ordem, ambos tendo no estylo uns leves toques de saudosa melancolia, no espirito uma elevação philosophica de pensamento que transparece nas composições que lhes são dictadas pelo coração, ambos adorando o esmero da forma e cuidando a melodia do verso, ambos sacrificando nos altares da musa frivola, um com as suas anacreonticas, outro com as suas canções,

ambos escrevendo um nome só na dedicatoria dos seus numerosos poemas, Gonzaga o de Marilia, Costa o de Nise, ambos seguindo a carreira das leis, ambos emsím implicados na prematura tentativa da revolução, que em 1789 quiz fazer da capitania das Minas Geraes uma republica, e chamar o Brazil á independencia; só na morte se separaram, porque Gonzaga arrastou no exilio os ultimos annos da vida fatigado e desalumiado da luz da intelligencia, e Claudio Manoel da Costa suicidou-se no carcere, não se achando com animo de supportar os transes do processo, e talvez o martyrio affrontoso.

Nasceu Claudio Manoel da Costa na cidade de Marianna, na capitania de Minas Geraes, a 6 de junho de 1729. Cursou os primeiros estudos no Rio de Janeiro, veio depois formar-se a Coimbra, e já na universidade deu mostras de poetico engenho, que não prejudicava a sua aptidão para as sciencias politicas, sociaes e juridicas.

Viajou em seguida pela Italia, onde mais se corroborou o seu enthusiasmo pela formosa litteratura italiana, de que sempre se mostrou apaixonado seguidor. Voltando a Lisboa, aqui se demorou até 1765, em grata convivencia com todos os cultores das boas letras.

Motivos desconhecidos o sizeram deixar a metro-

pole, de que se apartou com saudade, indo exercer a advocacia para a sua provincia natal. Estudos importantes ácerca de assumptos politicos, e economicos, fizeram com que fosse considerado uma das altas capacidades do Brazil, e o capitão-general de Minas, D. Rodrigo da Cunha de Menezes, chamou-o para secretario do governo. Demitiu-se d'esse emprego quando as suas idéas estiveram em desaccordo com as ordens do Rio de Janeiro. Homem de idéas largas, progressista rasgado, sympathisou com o movimento que em Minas Geraes se pretendia levar a effeito, tornou-se um dos principaes chefes da projectada sublevação, e, quando a conjuração se descobriu, foi elle um dos presos.

A idéa das terriveis consequencias do seu procedimento perturbou-o de tal forma que respondeu d'um modo incoherente ás perguntas do tribunal, e, prevendo o suppicio, preferiu ao patibulo o suicidio, enforcando-se na prisão no dia 2 de julho de 1789.

Foi Claudio Manoel da Costa poeta mimoso e delicado, classico em linguagem, amenissimo em estylo e primoroso na forma. Os seus sonetos, são talvez, depois dos de Bocage, os mais perfeitos da lingua portugueza. Moldava-os pela forma de Petrarcha, e sabia dar-lhes uma indizivel suavidade melan-

colica. Vestia de galas encantadoras o pensamento suave e a commoção sincera. Se é um pouco alambicado nas canções, nem por isso podemos deixar de dizer, com o seu distincto biographo, o snr. Pereira da Silva, que é indubitavelmente um bom poeta.

**Frei José de Santa-Rita Durão**

Na freguezia do *Infacionado*, a quatro leguas da cidade de Marianna no Brazil, nasceu em 1736 o celebre author do CARAMURU. Veio a Coimbra doutorar-se em theologia, e em 1758 professou na Ordem dos eremitas de Santo Agostinho.

Em 1762 sahiu de Portugal para viajar. Rebentando a guerra entre Portugal e a Hespanha, quando Santa-Rita Durão estava na Andaluzia, foi tomado por espia e preso no castello de Segovia, d'onde sahiu ao assignar-se a paz em 1763, proseguindo então a sua viagem para a Italia. Em Roma viveu longos annos em dôce familiaridade com os litteratos mais eminentes da Italia. Regressou a Por-

tugal em 1771, foi reger uma cadeira de theologia em Coimbra, e depois veio para Lisboa, onde morreu em 1783, contando apenas 46 annos de idade.

O CARAMURU, seu principal titulo de gloria, um dos mais bellos poemas epicos da litteratura portugueza que tantos conta, tem por assumpto a historia semi-lendaria de Diogo Alvares, que, graças á detonação d'uma espingarda, alcançou immenso prestigio sobre os selvagens da Bahia. Ainda que frei José de Santa-Rita Durão commetteu o erro, vulgar no seu tempo, de pautar pelas velhas formulas um poema de sua natureza pittoresco, o livro comtudo encerra encantadoras descripções, grandes bellezas de estylo, e principalmente grandiosos episodios, como por exemplo o da estatua da ilha do Corvo.

Fr. José de Santa-Rita Durão foi tambem um notavel orador, e o discurso *de sapientia* proferido por elle quando a universidade se abriu depois de reformada pelo marquez de Pombal, é considerado como um dos mais bellos que alli se teem pronunciado.

## XXIII

### **Manoel Ignacio da Silva Alvarenga**

Nasceu em S. João d'El-Rei em Minas Geraes no meado do seculo XVIII. Foi filho d'um musico, e musico tambem foi porque teve reputação de exímio rabequista. Formou-se em leis em Coimbra, onde compoz um poema heroi-comico, intitulado O DESERTOR DAS LETRAS, em que se ridiculisava a organização dos estudos universitarios anteriores á reforma do marquez de Pombal, reforma que era n'aquelles versos entusiasticamente celebrada.

Advogou em Lisboa, e tornou-se conhecido na vida litteraria, mas saudades da patria o levaram a S. João d'El-Rei, onde poz banca de advogado, e onde abriu conjunctamente uma aula gratuita de rheto-

rica. Foi então que se tornou verdadeiramente notável o seu talento poetic, foi então que elle compoz a GRUTA AMERICANA e o TEMPLO DE NEPTUNO. Convocado em 1712 para ir reger uma cadeira de rhetorica no Rio de Janeiro, foi um dos fundadores da Arcadia Ultramarina, que o governo dissolveu, accusando-a de tendencias revolucionarias, e prendendo muitos dos seus membros, entre elles Alvarenga, com extremo rigor, em carcere subterraneo. Saliu da prisão melancolico e com tendencias para viver longe da sociedade. Em 1799 publicou-se em Lisboa uma collecção das suas poesias intitulada GLAURA, e outros volumes de versos, revelando-se em todos um presentimento da nova escola que annos depois devia aparecer no mundo litterario. Alvarenga, que se pôde dizer verdadeiramente iniciador da poesia brazileira, morreu no dia 1 de novembro de 1814.

**Francisco José de Lacerda  
e Almeida**

Distincto mathematico, e explorador da Africa, nasceu na cidade de S. Paulo nos meiados do seculo xviii. Passando a Portugal, matriculou-se na universidade de Coimbra em 1772, e doutorou-se a 24 de dezembro de 1777. O governo portuguez encarregou-o, conjunctamente com alguns engenheiros, da demarcação do Brazil. Em desempenho d'essa missão, o dr. Lacerda e Almeida foi explorar o Rio Negro, e para isso fez uma longa e perigosa viagem pelo Amazonas e Madeira, viagem cuja descripção foi publicada em S. Paulo em 1841. Chegado á capital de Matto-Grosso, depois de seis mezes de trabalhosa excursão, foi encarregado de explorar o Guaporé e

os seus affluentes. Finalmente em 1786 explorou o rio Paraguay, em companhia do dr. Antonio Pires, e n'essa exploração se demorou tres annos.

Mandado recolher a Portugal, chegou a Lisboa no dia 21 de setembro de 1791. A Academia das sciencias elegeu-o seu socio, e Lacerda e Almeida apresentou-lhe os mappas das suas viagens scientificas, acompanhados de excellentes memorias.

O ministro do ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, querendo aproveitar o seu talento, os seus conhecimentos e a sua actividade, incumbiu-o de fazer uma viagem pela Africa, indo de Moçambique para Angola, e para lhe dar mais authoridade e prestigio, nomeou-o governador de Rios de Senna. Lacerda e Almeida deu principio á viagem, mas adoeceu gravemente nas terras de Cazembe, e ao fim de poucos dias morreu. Existem em manuscripto muitas obras importantes d'este sabio essencialmente trabalhador, que deu a Portugal e ao Brazil uma gloria hoje muito apreciada, por isso que precedeu Livingstone, Stanley, Cameron e Serpa Pinto no emprehendimento da travessia da Africa, para utilidade da sciencia.

**Antonio de Moraes Silva**

Deu o Brazil á litteratura portugueza o seu primeiro economista visconde de Cayrú, o seu maior primoroso moralista marquez de Maricá, o seu maior afamado lexicographo Antonio de Moraes Silva. Nasceu este erudito no Rio de Janeiro entre 1750 e 1760, e foi-se formar em leis na universidade de Coimbra. Conta-se que, clasqueado pelos seus compatriotas por fallar e escrever muito incorrectamente o portuguez, jurára vingar-se, e começára a estudar com immenso aferro os classicos, de forma quod'ahi a pouco era elle quem motejava dos galicímos dos proprios professores.

Pouco depois de se formar, sahiu para o estran-

geiro, esteve em França e em Inglaterra, traduziu do francez e do inglez algumas obras, entre as quaes avulta uma incorrecta HISTORIA DE PORTUGAL ingleza que elle annotou sem grande criterio; mas em 1789 publicou emsim o seu DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, que é o seu grande titulo de gloria. Muitas vezes reimpresso, apesar de todos os seus defeitos, é ainda hoje um livro de altissimo valor.

Antonio de Moraes Silva serviu no Brazil cargos de magistratura, mas em 1802 demitti-se por dissidencias que teve com o chanceller da relação da Bahia, e retirou-se para o engenho de Moribeca em Pernambuco, onde viveu tranquillo, e onde escreveu ainda um EPITOME DE GRAMMATICA PORTUGUEZA. Em 1817 os republicanos de Pernambuco elegeram-no membro do governo provvisorio, em homenagem ao seu merito. Moraes foi a Olinda agradecer e recusar. Cahiu depois em tão profundo esquecimento que nem se sabe ao certo a data da sua morte; mas, em quanto viver a lingua portugueza, ha-de viver tambem, guardado em todas as bibliothecas, consultado por todos os estudiosos, o DICCIONARIO de Moraes.

## XXVI

### **Antonio Pereira de Sousa Caldas**

O insigne poeta Antonio Pereira de Sousa Caldas, que opulentou a lingua portugueza com uma das melhores traducções em verso dos PSALMOS, que nos modernos idiomas se conhecem, nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762. Era filho de Luiz Pereira de Sousa, negociante, e de sua esposa D. Anna Maria de Sousa.

De idade de 8 annos atravessou os mares para vir a Lisboa estudar os preparatorios com que se habilitou a ir para a universidade de Coimbra. Quando chegou aos 16 formou-se em jurisprudencia. Na universidade de Coimbra deu mostras de elevado enge-  
nho poetico, não d'esse agudo talento de disticos e

madrigaes, em que se comprazia a frivolidade da juventude do seculo XVIII, mas d'um engenho mais viril, que chamou contra elle a attenção do governo de D. Maria I, e lhe valeu seis mezes de reclusão no recolhimento dos padres catechistas em Rilha-folles, accusado de patentear nos seus versos idéas mais isentas do que as permitidas a um subdito de monarchia absoluta.

Concluindo, depois d'essas interrupções, os seus estudos universitarios, applicou-se á advocacia, requerendo a nomeação de juiz de fóra para uma das comarcas brazileiras; foi viajar na Europa; visitou a França, a Italia, viveu na intimidade do papa Pio VI, e ahi, em Roma, seduzida a sua forte imaginação pela sublimidade do catholicismo, trocou pela sotaina de padre a toga de advogado. Regressando a Portugal, entregou-se á eloquencia sagrada e adquiriu alta reputação. Voltou ao Rio de Janeiro em 1801, encontrou a sua formosa patria retalhada pela discordia civil e gemendo debaixo da pressão dos governadores. Entristecido por isto voltou a Portugal em 1805, e de novo tornou ao Brazil em 1807 com a familia real portugueza que fugia das aguias vitoriosas de Junot. No Rio de Janeiro falleceu a 2 de março de 1814, de idade de 52 annos.

Poeta viril e de alto pensamento, rara qualidade

no seculo XVIII, Sousa Caldas, se a outros cede a realeza da forma, não encontra vencedores na grandeza vigorosa da idéa.

Muitas das suas composições poeticas se perderam, mas as que nos restam bastam para revelar um talento de primeira ordem. O sopro austero que anima a sua traducção dos PSALMOS, e que a torna tão superior á brilhante, gabada, mas frequentes vezes óca, frouxa e languida, de João Baptista Rousseau, tambem circula nas suas odes religiosas, e as torna dignas de se elevar, envoltas nas harmonias do orgão, e nas fragrancias do incenso, ao throno de Je-hovah.

Nas cantatas, taes como *Pygmalião*, o padre Caldas se não tem o esplendor da forma de Garcão e o arrojo lyrico de Bocage, distingue-se pela elevação de pensamento, que até n'esses jogos de estylo apresenta sempre uma intenção philosophica, não prejudicando a correcção da phrase e a transparencia do colorido.

Nada nos resta das suas predicas; mas, pelo molde do seu talento, facilmente adivinhamos que no pulpito a sua voz eloquente havia de agitar os corações, e a gravidade do pensamento abalar os espiritos, e transportal-os a regiões sublimes.

## XXVII

### **Thomaz Antonio Gonzaga**

Nasceu o celebre lyrico da MARILIA DE DIRCEU em Portugal, na cidade do Porto, em 1744. Era filho do brasileiro José Bernardo Gonzaga, que, de ouvidor do Porto, passou em 1749 a desembargador da relação da Bahia, onde correu a infancia do poeta.

Tendo-se formado em leis na universidade de Coimbra, foi despachado ouvidor de Villa-Rica em Minas Geraes. De parceria com alguns espiritos exaltados pelas maximas revolucionarias do seculo, e pela recente emancipação dos Estados Unidos da America, tomou parte n'uma conspiração que visava a transformar em republica a capitania de Minas. Preso e condemnado a degredo perpetuo para as Pedras

\*

de Angoche, obteve commutação da sentença, transformando-se-lhe esse eterno exilio em degredo de dez annos para Moçambique. Para alli partiu em 1792, mas a desgraça fulminára aquelle espirito mimoso, immergeira-o n'uma atonia que se transformou em loucura.

Quinze annos viveu em Moçambique, onde casou e lá morreu em 1809, de idade de 62 annos.

Os seus amores com uma senhora de Villa-Rica, D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão, inspiraram-lhe essa formosa collecção de lyras, que, com o titulo de MARILIA DE DIRCEU, lhe deram imortalidade. Um inexcedivel mimo de forma, um grande encanto de melodias, distinguem a primeira parte d'este livro, composto durante os annos de ventura, e em que, a par de felizes imitações de Anacreonte, não faltam as agudezas da poesia do tempo. A desgraça, quando o fulminou, antes de o esmagar, alteou-lhe o espirito, e na segunda parte da MARILIA DE DIRCEU ha toques de melancolia e de saudade, sublimidade de pensamentos, envolvendo-se ainda nas mesmas opulentas roupagens de linguagem e de metro, que nos revelam que a alma do poeta se escondia debaixo das vestes madrigalescas do galanteador Dirceu.

## XXVIII

### **Ignacio José de Alvarenga Peixoto**

Nasceu no Rio de Janeiro em 1748, e veio a Coimbra formar-se em canones. À protecção do marquez de Pombal deveu entrar na magistratura como juiz de fóra de Cintra, d'onde foi transferido para S. João d'El-Rei.

Abandonando a carreira judicial, por ter casado com uma rica herdeira, foi viver para as suas propriedades, sendo nomeado coronel de cavallaria das milicias de Rio Verde.

Vivia feliz e socegado quando uma satyra que appareceu dirigida contra o governador de Minas Geraes, intitulada *CARTAS CHILENAS*, e que lhe foi atribuida, e depois a parte que tomou na conspiração

de Minas Geraes, em que tambem entraram Thomas Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, etc., arrastaram-n'o aos tribunaes, que o condenaram á morte no dia 18 d'abril de 1792, sendo-lhe commutada a pena em degredo perpetuo para o presidio de Ambaca em Angola onde morreu em 1793.

Poeta melodioso, d'uma imaginação brilhante e d'um estylo correcto, Alvarenga Peixoto é justamente considerado como um dos mais elegantes poetas da escola arcadica. Não presentiu novos horisontes como o seu homonymo e patrício, cingiu-se aos modélos consagrados, mas tinha um merito incontestavel, e uma rara perfeição de fórmula.

## XXIX

### **Alexandre Rodrigues Ferreira**

Este celebre naturalista, cognominado o Humboldt brazileiro, nasceu na Bahia a 27 d'abril de 1755. Seu pai destinou-o á carreira ecclesiastica, fê-lo tomar ordens menores em 1768, mas Alexandre Rodrigues Ferreira, ávido de instrucçao, obteve licença de seu pai para se ir matricular na universidade de Coimbra, e em 1779 partiu para Portugal, indo frequentar o curso juridico.

Dous annos depois reformou-se a universidade, e essa reforma interrompeu por um momento os estudos do moço brazileiro; mas ao mesmo tempo sentia elle que o impulso d'uma irresistivel vocaçao o chamava para o estudo da natureza, e matriculou-se

então na faculdade de philosophia, que frequentou com grande brilhantismo, tanto assim que, dous annos antes de concluir o curso, já exercia gratuitamente as funcções de demonstrador de historia natural na universidade. Como era natural, a faculdade reservou uma cadeira para o moço estudante, mas n'essa occasião Martinho de Mello e Castro, então ministro, procurando conhecer as immensas riquezas naturaes do Brazil, pediu ao dr. Domingos Vandelli, primeiro lente cathedratico da faculdade de philosophia, que lhe indicasse quem pudesse desempenhar essas funcções e o dr. Vandelli designou-lhe Alexandre Rodrigues Ferreira, que aceitou gostosamente esse encargo tanto em harmonia com as suas tendencias e as suas predilecções.

Foi a 15 de julho de 1778 que recebeu essa nomeação, mas não partiu immediatamente, e ficou por ordem do governo com outro naturalista distinto João da Silva Feijó, a estudar o carvão de pedras das minas de Buarcos, a descrever os productos naturaes do museu real da Ajuda, e fazer experiencias physicas e chimicas.

Em 1780 foi eleito socio correspondente da Academia real das sciencias, e nas sessões d'essa dourada corporação leu algumas memorias importantes sobre varios assumptos scientificos.

Em setembro de 1783 partiu emfim para o Brazil e foi desembarcar no Pará. Começou immediatamente a sua viagem philosophica na ilha de Joannes, e nove annos andou estudando e percorrendo não só essa ilha como os outros territorios do norte do Brazil e margens do Amazonas, fazendo investigações importantissimas, colligindo amplissimos thesouros, e ao mesmo tempo tratando tambem de assumptos historicos e politicos.

Voltando ao Pará, onde exerceu os cargos de vogal das juntas de fazenda e de justiça, casou com a filha do capitão Luiz Ferreira da Cunha, e em 1793 regressou a Portugal, onde foi nomeado official da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, e foi em 1794 commissionado para administrar o real gabinete de historia natural, o jardim botanico e annexos.

Empregou então todo o seu tempo tanto no cumprimento dos seus deveres officiaes como na collecção e classificação dos muitos e preciosos objectos que trouxera da sua importantissima viagem scientifica. Para fazer um trabalho com toda a perfeição, que elle desejava, faltavam ao illustre sabio os captaes necessarios e os indispensaveis auxilios, e não concorreria pouco essa deficiencia para a melancolia que surdamente o principiou a minar, até que lhe

arrancou a vida no dia 23 d'abril de 1815. Era um sabio de primeira ordem, e deixou muitas e importantissimas memorias, algumas das quaes se imprimiram, havendo porém muitas outras ineditas que, segundo parece, se conservam em Portugal.

XXX

**José Francisco Cardoso**

Nasceu na Bahia de Todos os Santos suppomos que no anno de 1761. Foi professor regio de latinidade na sua terra natal, e parece que já falleceu depois da independencia do Brazil. Foi grande poeta latino, um dos mais notaveis do seculo XVIII, e o seu poema sobre a expedição de Tripoli teve a honra de ser traduzido em portuguez por Bocage.

XXXIII

**Theodoro Ferreira de Aguiar**

Medico e cirurgião distinto, natural do Rio de Janeiro onde nasceu em 1769.

Tendo vindo para Portugal a cursar os estudos de sciencias naturaes na universidade de Coimbra, foi depois seguir os estudos de medicina e cirurgia na universidade de Leyde, e, voltando a Portugal, obteve no anno de 1797 cartas com todos os privilegios e liberdades dos medicos approvados pela universidade de Coimbra depois de haver feito exame de sufficiencia.

Contraíndo estreitas e affectuosas relações com el-rei D. João vi, muito poderosamente influiu no animo d'esse monarca para que creasse em Lisboa

---

e Porto as tão necessarias como esperançosas reaes escólas de cirurgia, propondo um regulamento dos estudos cirurgicos que foi approvado em 1825, e que já fizera 20 annos antes para os hospitaes militares. Foi elle tambem que conseguiu que se mandasse fazer a grande sala de disseções e o horto botanico para a escola, que el-rei concedesse ao hospital o beneficio de duas loterias, e mandasse fazer uma enfermaria de convalescência. Morreu Theodoro Ferreira de Aguiar a 5 de maio de 1827, e pôde considerar-se este illustre brazileiro como o restaurador da cirurgia portugueza, não tanto pelo seu valor scientifico, como pelos relevantes serviços que prestou, pelo seu valimento no paço, á sciencia.

**Joaquim Manoel de Faria  
Lima e Abreu**

Jornalista distinto, natural do Brazil, veio para Lisboa em 1821, lançou-se com grande vigor na politica revolucionaria, e foi empregado na secretaria da guerra. Em 1822 redigiu um periodico intitulado o BRAZILEIRO EM PORTUGAL a que puzeram termo os acontecimentos produzidos pela contra-revolução de 1823. Mas em 1826, tendo-se estabelecido o regimen da Carta, Lima e Abreu voltou de novo á liça, arrojou-se com ardor ao campo da polemica, e publicou um jornal que alcançou bastante voga, o FISCAL DOS ABUSOS. Na lucta quotidiana tinha Lima e Abreu por implacavel adversario José Agostinho de Macedo. Contra elle escreveu o jornalista liberal dous opusculos que se publicaram em 1827, e

que se intitularam *RESPOSTA Á CARTA que ha poucos dias se publicou contra os redactores do Portuguez, e RESPOSTA Á SEGUNDA CARTA do padre José Agostinho de Macedo contra o redactor do Portuguez e mais liberaes a quem o mesmo combate.*

Em julho de 1827, por occasião dos tumultos que houve em Lisboa, Lima e Abreu achou-se envolto no movimento popular, e designado portanto á vingança do governo de D. Miguel, que não tardou a estabelecer-se em Portugal. Por isso um dos primeiros actos do regimen absolutista foi ordenar a prisão de Lima e Abreu, que a 22 de julho de 1828 foi encarcerado na torre de S. Julião da Barra. Condenado a 10 annos de degredo para as Pedras Negras, partiu para o seu destino no dia 16 de novembro de 1828, e no exilio falleceu.

Era um d'esses luctadores que pugnaram com a penna a prol da causa da liberdade e que expiaram com o martyrio as victorias dos que, mais felizes, tinham conseguido trocar a penna pela espada.

### XXXIII

## **Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas**

Nasceu em Minas Geraes na segunda metade do seculo passado, e, vindo estudar para Portugal, formou-se em leis na universidade de Coimbra. Quando rebentou a revolução de 1820 foi escolhido para secretario da repartição de justiça. Em 1825 foi chamado por D. João VI ao ministerio conhecido pelo nome de Lacerda-Barradas, por serem estes os dous ministros mais influentes. Exonerado em agosto de 1826 com os seus collegas, foi preso como liberal em julho de 1828, encerrado na torre do Bugio, e d'ahi transferido para S. Julião da Barra, onde padeceu as torturas que tornaram tristemente célebre aquelle carcere. Morreu no dia 23 de janeiro de 1841.

XXXIV

**Januario da Cunha Barbosa**

Filho do portuguêz Leandro José da Cunha Barbosa e da fluminense D. Bernarda Maria de Jesus, nasceu Januario da Cunha Barbosa no Rio de Janeiro no dia 10 de julho de 1780. Ordenou-se em 1803, foi a Portugal, e, voltando ao Brazil em 1805, principiou a adquirir grande reputação como prégador.

Em 1808 foi nomeado professor de *philosophia*, e na *cathedra* e no *pulpito* foi adquirindo grande fama, até que em 1821 rebentou o grito da independencia brazileira. Januario da Cunha Barbosa foi dos primeiros que a elle adheriram. Fundou um periodico intitulado o *REVERBERO CONSTITUCIONAL FLUMINENSE* em que principiou a sua voga de jornalista.

Em 1822 foi promover em Minas Geraes a adhesão da província á causa da independencia. Voltando ao Rio de Janeiro foi preso e deportado como demagogo, mas, absolvido pouco depois, voltou á patria, tendo estado apenas pouquissimo tempo em França.

Em 1824 foi eleito deputado, mostrou-se orador distinto, e na camara e na imprensa até 1837 prosseguiu essa vida de lucta sempre energica e veemente, já escrevendo em periodicos serios e satyricos, já escrevendo um poema politico os GARIMPEIROS e uma comedia tambem politica A RUSGA DA PRAIA GRANDE.

Em 1837 deixou a vida publica e só voltou á camara em 1845, conservando-se afastado do campo da lucta, e entregando-se especialmente á discussão de assumptos de instrucção publica. No intervallo foi nomeado chronista do imperio, e fundára, juntamente com o coronel Mattos, a celebre sociedade *Instituto historico-geographico brasileiro*.

Era tambem poeta nos generos diversos do satyrico. Estão provas d'isso n'um poema NITHEROHY que se publicou em 1822.

Morreu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1846.

**Cypriano José Barata d'Almeida**

Nasceu este ardente revolucionario, um dos mais intrepidos fautores da independencia brazileira, na Bahia, no dia 28 de setembro de 1762. Pouco se sabe da sua vida até aos 60 annos, mas é certo que se tornára bastante popular pelo seu patriotismo e idéas liberaes, porque, tendo triumphado a revolução de 1820 em Portugal, e sendo o Brazil chamado a escolher deputados que o representassem na constituinte portugueza, foi eleito deputado pela Bahia, e no congresso tornou-se notavel pelo seu brazileirismo exaltado e pelas tendencias largamente democraticas do seu pensamento. A maioria das cōrtes andára d'um modo lamentavel com o Brazil, pretenden-

do negar-lhe todos os direitos, mas Barata d'Almeida não lhe poupou nos seus discursos as mais violentas imprecações. Era por tal fórmula exaltado, apesar dos seus 69 annos, que tendo um deputado brazileiro votado com a maioria, e d'um modo desfavoravel para o Brazil, Barata d'Almeida não esteve com ceremonias e atirou com elle por uma escada abaixo.

Quando se votou a constituição portugueza, Barata d'Almeida não quiz assinal-a, e o mesmo fizeram alguns dos seus patricios. O povo de Lisboa mostrou-se irritado com esta attitude dos deputados da nossa antiga colonia, e sete representantes do Brazil tiveram de fugir escondidamente para Falmouth, onde publicaram um manifesto dizendo os motivos por que se retiravam das cōrtes. Um d'esses sete era, como bem se pode imaginar, Barata d'Almeida.

Proclamada a independencia do Brazil, Barata de Almeida foi eleito de novo deputado pela Bahia, mas, dissolvida a constituinte, Barata foi preso em 1824 em Pernambuco. As suas idéas republicanas advo-gou-as francamente no jornal que fundára em 1823, intitulado a *SENTINELLA DA LIBERDADE*. Mettido a bordo d'uma galé de reclusão, só em 1829 foi solto, e os liberaes do Rio de Janeiro fizeram-lhe uma ovacão. A idade não lhe acalmára o fogo, e, apenas se viu

solto, veio de novo inflamar as massas com a eloquencia rude e revolucionaria do seu periodico. D'ahi resultou ser preso outra vez como cumplice d'uma pequena revolta na Bahia, e mandado para a ilha das Cobras. Ahi não perdeu tempo, e contribuiu para o pronunciamento de 7 de novembro de 1831 do regimento de artilheria que estava de guarnição na ilha.

Só foi solto em 1833, e, voltando á Bahia, encontrou já frio o sentimento popular que tanto exaltara outr'ora. Pobre, velho, com familia e sem recursos, o ardente politico, para viver, fez-se mestre de instruccion primaria, procurou clinica, porque elle era medico, e fundou uma botica na cidade do Natal, onde era sua filha D. Laura quem manipulava as drogas.

Completamente esquecido por aquelles que outr'ora entusiasmára com a sua eloquencia desataviada, ás vezes grosseira mas ardente, Barata d'Almeida morreu na cidade do Natal em 1 de junho de 1838. É um vulto que o Brazil deve venerar, apesar dos desvarios do seu pensamento, porque foi um dos mais ferventes apostolos da independencia e liberdade da sua patria.

**Damião Barbosa d'Araujo**

Este illustre compositor nasceu na Bahia em 1778. Era filho d'um pobre sapateiro, mas tal era a sua vocação musical que, apesar de se vêr completamente desajudado, aprendeu a sua arte querida, e, obtendo um lugar de segundo violino n'um theatro, começou a compôr musicas religiosas e profanas que lhe deram uma certa celebridade. Quando a familia real portugueza passou pela Bahia, foi Damião Barbosa d'Araujo aggregado á banda marcial da brigada que acompanhou a familia real para o Rio de Janeiro. N'esta cidade não encontrou conservatorio, mas encontrou os grandes maestros Marcos Portugal e o padre José Mauricio, que o protegeram muito e o fizeram admit-

tir como violinista na capella real, ao passo que recebia o lugar de mestre de musica da brigada.

Compoz então varios *Te-Deums*, missas e tambem modinhas, e até a musica d'uma burleta, a *INTRIGA AMOROSA*, que não chegou a representar-se. Damião Barbosa d'Araujo ainda vivia em 1822, em que dedicou uma missa a D. Pedro, já então imperador do Brazil, mas ignora-se a data de seu falecimento.

**José Bonifacio d'Andrade e Silva**

Ufana-se o Brazil de ter dado o sér a este homem illustre, sabio notavel, distincto poeta, eminente estadista e um dos fundadores da independencia brasileira. Nasceu na cidade de Santos na provincia de S. Paulo no dia 13 de julho de 1763. Era filho do coronel Bonifacio José d'Andrade, e de sua mulher D. Maria Barbosa e Silva. Veio á metropole para se formar em Coimbra na faculdade de direito, o que effectivamente realizou; mas o duque de Lafões, conhecendo a vocaçao do illustre brasileiro para as sciencias naturaes, em cuja faculdade tambem se formára, propô-lo para socio da Academia real das sciencias, e obteve que o governo lhe désse uma

pensão para fazer na Europa uma viagem scientifica. Foi seu talento muito apreciado lá por fóra, e memorias importantissimas revelam o fructo que tirou dos seus estudos e viagens. Recolhendo-se a Portugal, foi nomeado intendente das minas e lente de uma cadeira de metallurgia, novamente creada. Quando os franceses invadiram Portugal, José Bonifacio pegou em armas e defendeu valentemente a patria dos seus antepassados. Antes de tornar ao Brazil, ainda foi intendente de policia da cidade do Porto; voltando emsí a sua terra natal em 1819, alli se achava quando rebentaram as discordias entre a metropole e a colonia, concorrendo elle não pouco para que essas discordias se transformassem em separação definitiva. Não lhe devem querer mal por isso os portuguezes; José Bonifacio pugnava pela independencia da sua patria, mas o seu talento e a nobreza do seu caracter não deixam por isso de honrar a grande familia portugueza.

Proclamada a independencia do Brazil nas margens do Ypiranga, no dia 7 de setembro de 1822, foi José Bonifacio eleito deputado ás còrtes do novo imperio, e nomeado ministro pelo novo imperador. As luctas politicas, inseparaveis do berço das instituições, obrigaram-n'o a emigrar partindo para França; viveu em Bordeus até 1829, entregando-se ao tra-

to das musas e a outros estudos predilectos. Chamaram-n'o de novo os seus concidadãos, que reconheciam emsí os grandes serviços que lhe prestára. O seu regresso foi verdadeiramente triumphal. No paiz, que tanto amára, e lhe devia tanto, lhe correram os ultimos dias, venerado por um povo inteiro que lhe chamava o patriarcha da liberdade. Morreu a 6 d'abril de 1838.

Sabio illustre, as suas poesias são tambem cheias de mimo. Escreveu-as, segundo o uso introduzido pelos *arcades*, debaixo do nome pastoril de Americo Elysio.

**Martim Francisco Ribeiro  
d'Andrade**

Irmão de José Bonifacio foi como elle e como seu terceiro irmão Antonio Carlos, um dos grandes vultos da independencia brazileira. Nasceu em Santos em 1776; formou-se em Coimbra na facultade de mathematica; regressando ao Brazil mais cedo do que José Bonifacio, em S. Paulo passou vinte annos-tranquillos da sua vida, ocupando-se dos seus negocios domesticos e de explorações scientificas até que em 1821 rebentou o grito da independencia, e Martim Francisco, nomeado membro da junta revolucionaria, não tardou comtudo a ser preso e enviado para o Rio de Janeiro, onde foi logo solto e chamado com

seu irmão ao ministerio de 4 de julho de 1822, sendo-lhe confiada a pasta da fazenda.

Cahiu o ministro da fazenda com o resto do ministerio no dia 17 de julho de 1823, e cahiu com a reputação d'um habil politico e economico financeiro. Nos bancos da oposição mostrou-se orador vehementemente, e quando D. Pedro I dissolveu a constituinte a 12 de novembro, Martim Francisco d'Andrade foi preso e desterrado para a Europa com seus irmãos. Assim que se abriu devassa contra elles, Martim Francisco e seu irmão Antonio Carlos vieram constituir-se presos e defender-se. Absolvido pela Relação em 1828, Martim Francisco foi logo eleito deputado por Minas Geraes, e na camara esteve na oposição até que D. Pedro abdicou. Então defendeu na camara seu irmão José Bonifacio, tutor de D. Pedro II, e, proseguindo na lucta politica, ora na oposição, ora ao lado do governo, mas sempre nas fileiras do partido avançado, em 1840 fez-se chefe do partido que instava por que fosse declarada a maioridade do joven imperador.

Esse partido triumphou, e em 24 de julho de 1840 Martim Francisco entrou de novo no ministerio, voltando a sobraçar a pasta da fazenda. Cahiu o governo em março de 1841, e, apesar de ter já então 75 annos, Martim Francisco fez uma oppo-

sição vigorosa aos seus sucessores, até que falleceu no dia 23 de fevereiro de 1844.

Além de homem erudito e de habil financeiro, foi Martim Francisco Ribeiro d'Andrade um dos mais fogosos e eloquentes oradores do parlamento do Brazil.

XXXIX

**Antonio Carlos Ribeiro d'Andrade  
Machado e Silva**

Irmão de José Bonifacio d'Andrade, nasceu em Santos no dia 10 de novembro de 1773. Veio, como seus irmãos, frequentar a universidade de Coimbra, e formou-se em direito depois de ter seguido com altissima distincção os cursos da faculdade. Entrou na carreira da magistratura, exercendo o lugar de juiz de fóra em Santos, e foi em 1815 promovido a ouvidor para Olinda. A sua casa n'esta cidade transformou-se brevemente n'uma especie de academia politica onde se expendiam as idéas mais avançadas, onde se discutiam as questões mais ardentes. Era um verdadeiro club democratico, em que Antonio Car-

los, com a eloquencia da sua conversaçāo, accendia involuntariamente nos animos dos juvenis frequentadores de sua casa, paixōes que haviam de ter um resultado funesto.

Effectivamente em 1817 rebentava a revolução republicana de Pernambuco, a que Antonio Carlos adheriu, apesar de não ter confiança no seu exito, para não parecer que atraíçoava as idéas de que se fizera propagandista. Isso lhe rendeu estar preso na Bahia até 1821, anno em que foi amnistiado pela revolução liberal, e eleito deputado ás cōrtes portuguezas pela provincia de S. Paulo. Foi o mais ardente dos deputados brazileiros na defesa das prerrogativas do seu paiz, recusou assignar a constituição portugueza, partiu para Falmouth, onde foi elle que redigiu o manifesto. Partiu para o Brazil em seguida, tomou assento na camara apoiando o ministerio de seus irmãos, redigiu o projecto de constituição e defendeu-o como relator. Quando o ministerio Andrade cahiu, Antonio Carlos aggrediu violentamente os seus successores, principalmente no terreno do *portuguezismo* que se lançava em rosto a esse ministerio, e contra o qual Antonio Carlos vibrou repetidas vezes os mais violentos e mais eloquentes discursos. Dissolvida a constituinte, Antonio Carlos foi preso e desterrado em seguida. Voltou á patria

em 1828 para se justificar, conseguindo a sua reabilitação judicial.

Desde 1829 até 1831 esteve retirado á vida particular, em 1831 voltou á camara sempre nas fileiras do partido avançado, combatendo contra os conservadores na tribuna e na imprensa. Em 1835 estava o grande tribuno de novo na brecha parlamentar, e alli se conservou fazendo oposição, até que em 1840 levou a camara a decretar, de acordo com o senado, a maioridade do imperador D. Pedro II. Em seguida foi chamado ao poder, e geriu até março de 1841 a pasta do imperio. Voltou então ás fileiras da oposição, até que em 1842 foi dissolvida a camara. Só em 1845 tornou a ser deputado, e todos viram com espanto que a idade não lhe fizera perder os seus grandes dotes de orador. Era ainda aos 76 annos o Mirabeau brazileiro, o repentista admirável, o homem das replicas felizes, o orador essencialmente fogoso que sempre alli se manifestaria. Falleceu a 5 de dezembro d'esse mesmo anno de 1845, deixando no Brazil, a par da gratidão pela parte importante que tomou na proclamação da independencia do imperio, uma admiração profunda pela sua eloquencia, sendo considerado ainda hoje como o mais notável dos oradores parlamentares brazileiros.

XL

**Fr. Francisco de S. Carlos**

Poeta religioso notavel, prégador de fama, nasceu fr. Francisco de S. Carlos no Rio de Janeiro a 13 d'agosto de 1763. Entrou de idade de 13 annos na Ordem seraphica, professando no convento da provincia da Conceição. Distinguindo-se muito nos seus estudos, foi enviado em 1782 para o convento de S. Boaventura, na villa de Macacú, austero asylo, onde os seus dotes naturaes se desenvolveram com a leitura e a meditação.

Voltando ao Rio de Janeiro, adquiriu logo fama de grande prégador, sendo em 1801 nomeado professor de eloquencia sagrada, e em 1809 escolhido para pregar em presença da familia real portugueza, que

chegou á capital brazileira, vindo da Bahia onde residia desde o fim de 1807.

O principe regente nomeou-o pregador da capella real. Cercado da estima e veneração de todos, a sua existencia correu tranquilla, longe do bulicio do mundo, até que falleceu a 6 de maio de 1829, de idade de 66 annos.

O mais primoroso fructo d'essa vida contemplativa foi o poema da *Assumpção*, desabrochado na solidão dos claustros, e em que a sua imaginação radiante espalhou profusamente as mais esplendididas tintas da sua palheta, empregando-as todas em adornar esse quadro religioso, que, pela poesia das imagens, pela belleza das descripções, rivalisa com a *MESSIADA* de Klopstock, ainda que lhe seja inferior na concepção, como lhe é inferior no assumpto.

Restam-nos impressos alguns dos seus sermões, que justificam a fama de que no seu tempo gozou, e que nos revelam um orador, em cuja serena eloquencia se espelha sempre o céo que elle via nos seus extasis beatificos.

**Marquez de Maricá**

Este illustre moralista brazileiro, a quem a litteratura dos dous paizes irmãos deve o ter tambem um representante de primeira ordem n'esse genero em que primou o francez La Rochefoucauld, nasceu no Rio de Janeiro a 18 de maio de 1773. Chamava-se Mariano José Pereira da Fonseca, e era filho d'um negociante. Estudou em Portugal no real collegio de Mafra, formando-se depois em canones na universidade. Regressou ao Brazil em 1794, entrou como socio na Academia scientifica, violentamente dissolvida pelo vice-rei conde de Rezende, que a conspiração do Tira-Dentes trazia sobresaltado e inquieto. Mariano da Fonseca soffreu uma prisão ar-

bitraria de dous annos, sem outra culpa que não fosse a de ter feito parte d'essa Academia. Em 1802 entrou na vida publica, exercendo diversos cargos importantes, de forma que em 1823, depois de proclamada a independencia do Brazil, foi chamado ao ministerio da fazenda onde mostrou grande probidade e altos dotes financeiros. Tendo-se mostrado partidario dos golpes d'estado do imperador, grangeou com isso uma certa impopularidade, que o desgostou e o levou a arredar-se da politica, mas não tardou o publico a fazer-lhe justiça. O marquez nem por isso voltou á vida politica activa, entregou-se então á redacção dos seis volumes das suas admiraveis MAXIMAS, que lhe deram grande e merecida reputação, e um lugar á parte na litteratura portugueza e brazileira. Morreu na cidade onde nascera no dia 16 de setembro de 1848. As suas MAXIMAS E PENSAMENTOS constituem o seu principal peculio litterario, mas com essa pequena bagagem alcançou mais depressa o marquez de Maricá atinar com o caminho da gloria, do que o conseguem outros, carregados de avultadissimo numero de livros.

**Marquez de Caravellas**

José Joaquim Carneiro de Campos nasceu a 4 de março de 1768 na Bahia. Destinavam-n'o seus paes ao sacerdocio, mas, indo a Coimbra para se formar em theologia, preferiu formar-se em direito civil. Preceptor dos filhos do conde de Linhares, obteve d'este ministro um lugar na secretaria de fazenda. Partiu para o Brazil em 1807, por dever do cargo que exerceu até á revolução da independencia. Eleito deputado á assembléa constituinte pelo Rio de Janeiro, entrou no ministerio que sucedeu ao dos Andradadas, e distinguiu-se sempre pelos seus principios liberaes e idéas moderadas. Em 1827 foi agraciado com o titulo de marquez de Caravellas, e

apesar d'isso foi eleito, depois da abdicação de 7 de abril, um dos tres regentes do imperio. Morreu a 8 de setembro de 1836, respeitado por todos os partidos e considerado como liberal e intelligentissimo estadista.

## XLIII

### **Marquez de Olinda**

N'um livro completamente estranho á politica não se pôde, nem se deve attender ás opiniões dos homens, cujo medalhão se insere n'este album de miniaturas. Basta-nos que os homens que retratamos illustrassem o Brazil para que tenham direito de figurar aqui.

Pedro de Araujo Lima nasceu em Antas, na província de Pernambuco, a 22 de dezembro de 1793. Formou-se em leis na universidade de Coimbra, voltou ao Brazil provido n'um emprego de justiça, foi eleito deputado á constituinte portugueza de 1821, e começando desde logo a manifestar esse respeito á legalidade e essa antipathia pelos processos revo-

lucionarios, ainda os mais justificados, que sempre caracterisaram a sua politica, separou-se dos deputados seus patricios no manifesto que elles dirigiram ás cõrtes, e na sua sahida para Inglaterra ; assignou a constituição portugueza, o que o não impediu de defender tão energicamente, como os que protestaram, os direitos da sua patria.

Tendo rebentado a revolução brazileira, Araujo Lima sahiu das camaras portuguezas, e seguiu para Inglaterra, e de Inglaterra passou para a America, sendo logo eleito deputado á constituinte brazileira. D. Pedro não tardou a confiar-lhe a pasta dos negócios estrangeiros, que elle apenas conservou tres dias, não podendo resignar-se á idéa de ser ministro n'um gabinete que resultava de uma dissolução de camara. Sahiu, foi viajar, e só voltou á politica em 1827. Depois de exercer os cargos de ministro e de presidente da camara, foi eleito em 1833 regente do imperio, durante a menoridade de D. Pedro II. A sua regencia foi tempestuosa, porque teve de lutar com a guerra civil e com uma oposiçao numerosa e brilhante. Araujo Lima, se não satisfez, antes contrariou as aspirações dos liberaes avançados, pugnou com energia e com exito pela causa da ordem, que é um elemento essencial da liberdade. Com tudo a oposiçao triumphou ao cabo de perto

de tres annos. Pedro de Araujo Lima cahiu da regencia, e a maioridade do imperador foi declarada, antes da idade legal, como a oposição desejava.

No parlamento manteve sempre Pedro de Araujo Lima, elevado successivamente a visconde e a marquez de Olinda, a dignidade da sua attitude, e a compostura do seu procedimento, mesmo na oposição mais violenta. Por mais de uma vez foi ainda ministro, e, se se manteve fiel aos principios conservadores, deve-se dizer que se distanciou do seu partido, sempre que este, exagerando os seus principios, se inclinou para a reacção. O seu ultimo ministerio foi o que lhe deu maior celebriidade; organizou-o no tempo da guerra do Paraguay, que dirigiu com energia, tendo a felicidade de ilustrar o seu governo com a victoriosa expedição de Uruguayana, em que tomou parte pessoalmente o imperador. A 2 de agosto de 1866 cahiu o ministerio do marquez de Olinda, merecendo aos proprios adversarios a justiça de declararem que, nos assumptos de guerra, procedeu do modo mais acertado. Morreu a 7 de junho de 1870.

É-nos defesa a apreciação politica do homem; mas podemos dizer que o orador substancioso e grave, o estadista que nunca sacrificou ás sofreruidões do poder e ás virulencias da oposição o sentimen-

to da sua dignidade de homem d'estado, que tão avesso se mostrou sempre aos processos revolucionarios, que são o golpe d'estado nas ruas, como aos golpes d'estado que são o processo revolucionario nos palacios, que teve o culto da ordem e da legalidade em época solta e revolta, merece ser apresentado á veneração da sociedade brazileira, seja qual fôr o campo politico em que militasse.

**Visconde de Cayrú**

Nascido na cidade da Bahia a 16 de julho de 1756, foi distinto economista, notável orador político, e verdadeiramente o fundador do direito mercantil em Portugal, sendo ainda hoje o tratado que escreveu consultado frequentemente, apesar dos progressos que fez neste século essa parte importante da jurisprudência. Passando para Portugal em 1772, frequentou a universidade de Coimbra, e logo revelou tão viva inteligência que foi provido, antes de completar o curso, nas cadeiras de grego e hebraico; jubilando-se em 1797, voltou ao Brasil provido n'um cargo importante da administração da colónia.

Foi em 1801 que publicou o seu celebre tratado

de direito mercantil, e em 1804 os seus PRINCIPIOS DE ECONOMIA POLITICA, sciencia que se pôde dizer n'essa época recem-nascida, e que logo encontrou em Portugal tão distintos cultores como José da Silva Lisboa e José Joaquim Azeredo Coutinho, bispo de Elvas, ambos oriundos do Brazil.

Em 1808 o governo do principe regente D. João, que se transferiu para a America por causa da inva-  
são de Junot, encontrou com admiração em José da Silva Lisboa um homem conhedor dos mais intrin-  
cados problemas da administração e economia social.  
Ouviu-o com deferencia, e a elle se deve o decreto  
que abriu as portas do Brazil ao commercio estran-  
geiro. José da Silva Lisboa era partidario decidido  
do commercio franco, e soube fazer triumphar as  
suas idéas.

Amigo pessoal do principe D. Pedro tomou parte  
com elle no movimento que fundou o imperio bra-  
zileiro independente. Feito pelo novo soberano sena-  
dor e visconde de Cayrú, defendeu com energia na  
tribuna as suas idéas liberaes em economia politica.  
Pelejando sempre com a palavra e com a penna,  
morreu, para assim dizermos, na brecha a 20 de  
agosto de 1835 na cidade do Rio de Janeiro, legan-  
do a Portugal e ao Brazil mais um nome illustre pa-  
ra inscrever na historia dos seus homens notaveis,

mostrando pelos seus estudos especiaes, em que tanto se distinguiu, que não ha ramo dos conhecimentos humanos em que os filhos d'esta nobre terra não tenham dado provas da actividade e da viveza do seu espirito.

**Casimiro d'Abreu**

Eminente poeta, cujo talento cortado em flôr pela morte des piedosa promettia ser um dos mais brillantes do seu tempo e do seu paiz. Nasceu na cidade da Barra de S. João da provincia do Rio de Janeiro, no dia 9 de janeiro de 1837. Eram seus paes José Joaquim Marques d'Abreu, filho de Portugal e D. Lui-za Joaquina das Neves, brazileira de origem. Queria sua familia que elle entrasse na vida commercial, mas Casimiro d'Abreu, cujo espirito mal se podia dobrar ás precarias exigencias d'esse trabalho, que lhe esterilisava a imaginação, resistiu ás intimações paternas, e em consequencia d'isso foi mandado por sua familia para Lisboa em 1853. Ahi viveu quatro an-

nos, ahí o seu nome começou a ser conhecido e estimado. As poesias, que publicou em varios jornaes, e que juntavam ao colorido ardente de uma phantasia americana uma vaga tristeza pungente, que era como que um presentimento do seu proximo sim, captivaram a attenção dos leitores; mas o que o tornou mais conhecido foi a scena dramatica CAMÕES E o JAU, que fez representar no theatro de D. Fernando, no dia 18 de janeiro de 1856, e que foi muito applaudida. Não era de certo a sua melhor producção, pelo contrario; mas o facto d'elle ter escolhido um assumpto tão portuguez e tão sympathico, os bellos versos, que de quando em quando arrebavam a alma do espectador, grangearam a essa scena dramatica o mais lisonjeiro acolhimento.

A esse tempo porém já a doença minava o corpo do poeta, e caminhava a passos rapidos para um termo fatal. Pungentes preoccupações moraes vinham auxiliar ainda o trabalho devastador da enfermidade. Estava na flôr da juventude, tinha vinte annos apenas, mas na sua fronte pallida e triste já uma precoce reflexão cavára a sua ruga profunda, e Casimiro d'Abreu, passado o primeiro entusiasmo dos dezes annos, percebera que na existencia ha rudes deveres a cumprir, e que um d'elles é procurar no trabalho honesto o pão quotidiano. Resolveu-se pois,

sabe Deus com que intima dôr, a abraçar a carreira commercial, e no principio de janeiro de 1857 estava de volta ao Rio de Janeiro, disposto a obedecer ás prescripções paternas. Parece que o chamavam tambem á capital do imperio aspirações d'um coração apaixonado. A alegria com que a sua familia o recebeu não tardou a ser amargurada pelo aspecto do moço poeta, que trazia já na fronte macilenta estampado o sello da morte. A gloria comtudo illuminou os seus ultimos dias. As suas PRIMAVERAS, escriptas entre 1855 e 1858 e publicadas em 1859, foram acolhidas com entusiasmo. O poeta sobreviveu porém pouco tempo á apparição dos seus versos. Depois de longos e dolorosos padecimentos, implacavel e terrivel cortejo das tisicas pulmonares, Casimiro d'Abreu expirou em Indayassú a 18 de outubro de 1860.

Espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrazavam a alma — eis o que temos a admirar nas poesias que Abreu escrevia sobre o joelho, quando o pungiam saudades lancinantes, quando o abrasava uma louca paixão, quando o salteava um lugubre presentimento. Como se receasse que a morte o viesse interromper antes do tempo, Casimiro d'Abreu desfolhava com mão febril as flôres da sua dupla gri-

nalda de juventude e de poesia. Essas pétalas de rosa, ainda hoje perfumadas e coloridas, são as que apareceram colligidas com o titulo de PRIMAVERAS, e que tão grande e tão legitimo successo obtiveram em Portugal, successo que duplicou quando o publico soube que essas primaveras, tão abundantes de flores e de perfumes, em vez de continuar nos ardores do estio, terminaram nos regelos do tumulo.

**Barão do Serro Largo**

Um dos mais brilhantes generaes brazileiros, nasceu José de Abreu no Porto-Novo, lugarejo situado entre o Rio Grande e Pelotas. Seguindo a carreira militar, alistou-se n'um batalhão de dragões, distinguindo-se nas varias campanhas do Rio da Prata no principio do seculo actual, e em 1814 foi nomeado commandante dos esquadrões de cavallaria das milicias d'Entre-Rios com o posto de tenente-coronel. Na campanha de Montevideu é que se distinguiu verdadeiramente, e adquiriu uma reputação legendaria. O celebre Artigas e os seus lugares-tenentes foram frequentemente batidos por José de Abreu, que á frente dos seus esquadrões muitas vezes deci-

diu a victoria nas mais renhidas pelejas. A batalha, que pôz termo á guerra, e que obrigou Artigas a fugir para o Paraguay, foi ganha pela intervenção feliz de José de Abreu, que, brigadeiro desde 1817, foi promovido a marechal de campo graduado em 1820, e encarregado de um commando importante, depois da pacificação da Banda Oriental. Mas a pretensão, que o Brazil teve de annexar ao seu território a província cisplatina, fez com que a guerra continuasse com Buenos-Ayres, distinguindo-se nessa guerra sempre e muito José de Abreu, já então nomeado barão do Serro Largo.

Com tudo a guerra corria infeliz para o Brazil, e o governo do imperio, em vez de aproveitar o prestígio, o valor e os talentos militares do barão do Serro Largo, deu ouvidos a intrigas que fizeram com que o intrepido general se afastasse desgostoso do theatro da lucta. Voltou á frente de um corpo de cavallaria voluntaria, quando se ateou mais a guerra. Em 1827 foi morto na infeliz batalha do Passo do Rosario, onde caiu varado por balas brazileiras, por um equívoco deplorável que houve durante a batalha, como se a Providencia quizesse mostrar que não podiam balas inimigas ferir mortalmente o heroe, que fôra durante tantos annos a gloria do Brazil e o terror dos argentinos.

## XLVIII

### **José Leandro de Carvalho**

Notavel pintor e principalmente retratista eximio, nasceu no lugar chamado Muriqui, depois de 1750. Foi aprender pintura, para que revelava grande vocação, nos *ateliers* de alguns pintores distintos do Rio de Janeiro. Começou a trabalhar muito, enchendo as igrejas da capital, e a freguezia do lugar onde nascera, de quadros seus, mostrando-se principalmente notavel no genero de pintura a colla sobre panno. Nos retratos porém é que era assombrosa a sua facilidade em apanhar as semelhanças, até de memoria, e foi de memoria que pintou em 1808 o primeiro retrato do principe regente D. João, que se fez no Brazil. Chamado ao paço, tirou outros

retratos do principe, e dos outros membros da familia real. N'um concurso para a execucao d'um quadro do retabulo da capella do paço, que devia representar a familia real toda, foi elle o preferido, em concorrencia com um artista italiano. Nas festas da acclamação de D. João vi em 1816 foi encarregado de varios trabalhos no paço, e de pinturas scenographicas no theatro.

Em 1831, depois da abdicação de D. Pedro i, mandou-se apagar o seu quadro do retabulo da capella do paço, e este vandalismo tanta impressão lhe fez, que o desgosto, que d'ahi lhe resultou, clevou-lhe a sepultura, morrendo no dia 8 de novembro de 1831. Deixou um filho do mesmo nome, que foi tambem paizagista distinto e bom pintor de flôres.

**Manoel Dias**

Celebre pintor, nasceu no meiado do seculo xviii na villa de Macrin; indo buscar fortuna ao Rio de Janeiro, aprendeu o officio de ourives, mas o que elle desejava sobretudo era aprender pintura. Um negociante a quem agradaram os seus trabalhos de ourivesaria levou-o comsigo para a cidade do Porto, mas, morrendo pouco depois, teve de deixar abandonado o seu protegido, que se deu por muito feliz em poder entrar como criado ao servico de outro negociante que estivera no Brazil, e que o levou para Lisboa. Alli, reconhecendo-se a sua habilidade, fizeram-n'o entrar na Casa Pia, e matricularam-n'o na Academia do Castello. O seu talento ma-

---

ravilhou os seus mestres, e foi para Roma como pensionista do Estado. Alli se desenvolveu muitissimo, tendo por mestre o celebre Pompeu Bettoni. Foi obrigado porém a interromper os seus estudos, porque a invasão de Portugal pelas tropas francezas fez com que deixasse de lhe ser paga a sua pensão. Retirou-se para Genova, onde passou miseria. Conseguindo enfim tornar a Portugal foi nomeado professor de desenho no Rio de Janeiro. Para o Brazil partiu, estabeleceu escola, que deu alguns discípulos notaveis, e pintou alguns quadros excellentes, entre os quaes sobresahia uma *Cabeça de S. Paulo* magnifica em marfim. Comtudo os seus contemporaneos não o tiveram em tanto apreço como elle merecia, e Manoel Dias o Romano, como lhe chamavam por ter estudado em Roma, falleceu desgostoso depois de 1831 na cidade de Campos para onde se retirara.

L

**José Mauricio Nunes Garcia**

Este grande maestro brazileiro, a mais brilhante gloria musical do Brazil, nasceu no Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1767. Era muito novo ainda quando perdeu seu pai, mas sua māi e uma tia, vendo o gosto extraordinario que o pequeno tinha pela musica, mandaram-lhe ensinar essa formosa arte, assim como o fizeram frequentar aulas de humanidades, em que elle deu provas tambem de grande talento. Desejando seguir a vida ecclesiastica, tomou ordens de diacono, disse missa solemne em 1792, e em 1797 teve licença para prégar, mas a sua vocaçāo fôra sempre a musica. Cedo adquiriu fama de grande compositor, e tal era a sua paixāo pela arte

que, apesar de ser pobrissimo, abriu uma aula gratuita em que ensinava. Em 1798 o bispo do Rio de Janeiro, que o protegia muito, nomeou-o mestre da capella da sé, lugar que vagára n'essa occasião.

Em 1808 chegou com a côrte portugueza ao Rio de Janeiro o grande maestro Marcos Portugal, que ficou supreendido, como o principe D. João e os que o acompanhavam, com as obras primas que se executavam no Rio de Janeiro, onde se não suppunha que tivesse chegado a tal perfeição a arte musical. O talento de José Mauricio, se fez admiradores, tambem grangeou invejosos, e muitos musicos portuguezes o encheram de amarguras, tratando-o com desprezo por elle ser mulato; o principe regente é que sempre o estimou, protegeu e favoreceu, mostrando-se muito entusiasta pelas suas obras, e recompensando-o largamente. Queria até trazel-o para Portugal, e, como José Mauricio recusou ir, D. João vi escreveu-lhe de Lisboa manifestando-lhe o sentimento que tivera pela sua recusa.

O Brazil na primeira quadra da sua independencia não era um paiz onde as artes pudessem florescer. O paiz todo obedecia a preoccupações muito diversas. José Mauricio viu-se abandonado e cahiu em profunda melancolia, que pouco a pouco o foi minando, até que o matou no dia 18 de abril de 1831.

Era José Mauricio um grande musico de igreja, são admiraveis as suas peças sacras, mas sobretudo tinha José Mauricio uma qualidade notavel e especialissima — era grande improvisador. Uma vez, ouvindo uma banda marcial que lhe agradou muito, compoz quasi sobre o joelho *doze divertimentos* para ella tocar. A escóla por que José Mauricio mais se apaixonára, foi a escóla classica, a escóla do classicismo puro e tocante de Haydn e de Mozart, que eram os grandes modélos do illustre maestro brasileiro.

LI

**João Alvares Carneiro**

Medico celebre, nasceu no Rio de Janeiro a 14 de outubro de 1776 ; ficando orphão de pai e māi, foi educado por caridade, e no hospital do Rio de Janeiro aprendeu o curso incompleto que alli se estudava, e pelo qual obteve as cartas de proto-medico. Era porém tão habil, e tinha tão seguro instinto, que alcançou logo vasta reputaçāo.

Em 1796 passou a Portugal, a fim de seguir estudos mais serios. Depois de uma viagem aventurosa em que foi successivamente prisioneiro de franceses e captivo de argelinos, desembarcou ao pé do Porto e deveu á protecção de um seu antigo amigo e patrício, medico tambem, o poder ir estudar para

Lisboa, d'onde sahiu, para visitar em viagem scientifica varios portos da Asia. Regressou á capital portugueza e passou depois para o Rio de Janeiro, onde exerceu clinica, sendo o medico mais afamado da sua patria, e juntando á sua clinica brilhante uma imensa popularidade, porque era o medico dos pobres, tratando-os gratuitamente, valendo-lhes ainda na sua penuria que as doenças aggravavam. Tambem, quando falleceu com 61 annos d'idade no dia 18 de novembro de 1837, a sua morte foi considerada uma verdadeira calamidade publica; ao seu enterro foram mais de duzentas carroagens, mas foi sobretudo um longo cortejo de pobres, que lamentavam a perda do seu protector, e, se teve á beira da campa as flôres de rhetorica dos discursos de homens eminentes, teve, tambem, outras manifestações mais commoventes — as lagrimas dos miserios.

**Marquez de Barbacena**

Descendente de uma familia hollandeza estabelecida no Brazil, nasceu Felisberto Caldeira Brant no arraial de S. Sebastião ao pé da cidade de Marianna em 1772. Depois de estudar preparatorios em Minas-Geraes, Felisberto Brant seguiu para o Rio de Janeiro onde se matriculou na Academia de marinha. Martinho de Mello e Castro, para animar os estudiosos, estabeleceria como recompensa para os premiadoss um posto de accesso; tantos premios obteve o moço estudante, que sahiu da academia com direito ao posto de capitão de mar e guerra. Pareceu pouco razoavel dar-se-lhe tão elevado posto, mas trocaram-lh'o pelo de major d'estado maior, e o lugar

de ajudante de campo de seu tio, que fôra governar Angola, onde o moço official se distinguiu por brilhantes serviços. Promovido a tenente-coronel de um dos regimentos de infantaria de linha da Bahia, casou com uma senhora riquissima. Fez então brilhante figura na Bahia, recebendo magnificamente Jeronymo Bonaparte, que alli foi com uma esquadra franceza, emprestando sem juros consideravel quantia a um almirante inglez, e ao mesmo tempo introduzindo importantes melhoramentos na agricultura da sua provincia. Fez uma viagem a Portugal, a tempo de acompanhar para o Brazil a familia real que fugia de Junot. Em 1817 contribuiu para que a Bahia não adherisse á revolução de Pernambuco, evitando assim, pela sua parte, que essa cidade fosse theatro dos mesmos horrores que inundaram de sangue as praças do Recife. Em 1820 procurou que a Bahia, ao reconhecer a revolução portugueza, proclamasse ao mesmo tempo a independencia brazileira. Não o conseguindo, partiu com licença para Inglaterra, e tendo alli conhecimento do modo como estava procedendo o principe D. Pedro, procurou levar os ministros ingleses a favorecerem a insurreição do Brazil.

Eleito deputado á constituinte brazileira em 1823, nomeado depois visconde e em seguida marquez de Barbacena, foi encarregado de negociar em Londres

um emprestimo e o reconhecimento definitivo da independencia do novo imperio, nomeado em seguida senador, e depois commandante em chefe do exercito cisplatino. Mostrou-se ahi valente official e habil organisador, mas teve a infelicidade de perder a batalha do Passo do Rosario, que foi um desastre mortal para as tropas brazileiras. Não tardou a recuperar, no campo da diplomacia, o prestigio que a sorte das armas lhe fizera perder no campo da batalha. Encarregado por D. Pedro de acompanhar a Vienna d'Austria D. Maria II, ao saber que D. Miguel se proclamára rei absoluto em Portugal, tomou a resolução de modisicar as ordens do imperador, levando para Londres a sua regia pupilla, e resistindo a todas as instancias do ministerio Wellington para que seguisse para Vienna. Salvou assim a causa da liberdade portugueza, perdida de certo se cahisse nas mãos de Metternich a rainha constitucional de Portugal.

De Londres voltou ao Rio de Janeiro, onde o imperador o encarregou de formar ministerio. Conseguiu o marquez imprimir ao governo um caracter brazileiro e um caracter constitucional; mas o imperador D. Pedro molestou-se com a attitude do marquez de Barbacena, e demitti-o bruscamente, sem ao menos salvaguardar no decreto de demissão for-

mulas honrosas para o ministro. Este protestou energicamente n'um officio que publicou em folheto avulso, e que serviu de thema á oposição para guerrear asperamente o imperador, vindo a ser de certo uma das causas indirectas da abdicação d'este soberano. O marquez de Barbacena não teve comtudo a minima intervenção directa n'esses acontecimentos. Em 1836 foi nomeado pelo regente Feijó ministro plenipotenciario em Inglaterra. Voltando ao Brazil com a saude profundamente alterada, ainda tomou parte comtudo nas luctas do senado, até que morreu no dia 13 de junho de 1841.

General mediocre, estadista que não foi de primeira plana, o marquez de Barbacena desempenhou comtudo um papel dos mais importantes na historia do Brazil, porque foi n'essa nação juvenil o representante primoroso das grandes tradições da diplomacia e da politica constitucional ingleza.

LIII

**Diogo Antonio Feijó**

Nasceu em S. Paulo em agosto de 1784, e, depois de ter seguido os estudos ecclesiasticos, tomou ordens de presbytero em 1807, dedicando-se em seguida á educação da mocidade em Parahyba, em Campinas e em Itú. Homem essencialmente virtuoso, de vida austera e de costumes simples, conciliou a estima de todos os que o conheceram, e adquiriu a reputação de sacerdote exemplar, e homem de *antes quebrar que torcer*. O respeito e o affecto dos seus conterraneos naturalmente o indigitaram em 1820 para ser um dos deputados eleitos pela província de S. Paulo, e que tomaram assento nas cōrtes portuguezas a 11 de fevereiro de 1822. A 25 de abril

\*

proferiu n'essas côrtes um discurso notavel defendendo os direitos do Brazil. Quando as côrtes inhabilmente alienaram a sympathia dos deputados brazileiros e os expulsaram pela attitude aggressiva que tomaram para com elles e que inspiraram ao povo, foi Diogo Antonio Feijó um dos cinco que furtivamente sahiram de Lisboa para Falmouth, e que ahi lavraram um protesto contra o procedimento da assembléa nacional portugueza. Logo em seguida Feijó partiu para o Brazil e recolheu-se modestamente a Itú. Quando em 1824 o principe D. Pedro propoz á approvação das camaras municipaes do Brazil a constituição que queria dar ao novo imperio, Feijó fez-lhe emendas que a camara de Itú apresentou, e que eram todas em sentido avançado. Eleito deputado por S. Paulo, nas duas primeiras legislaturas do imperio, sentou-se nos bancos da oposição, e propoz a abolição do celibato ecclesiastico, e a reforma das municipalidades. Depois da abdicação de D. Pedro I, a camara chamou-o a ocupar-se da pasta da justiça, n'esse momento, a mais importante do imperio. Feijó aceitou e em pouco tempo restabeleceu a ordem, a disciplina das tropas, o imperio das leis. Nunca se desmentiram a sua energia e a sua prompta resolução. Sahiu do poder a 26 de julho de 1831. Foi eleito senador logo em seguida, e chamado em ou-

tubro de 1835 a exercer a regencia do imperio, durante a menoridade do imperador D. Pedro II. Dias antes rejeitára o bispado de Marianna que lhe ofereciam.

Como regente, commetteu talvez erros politicos graves, não soube manter a alta imparcialidade que lhe cumpria, e, vendo guerreados tenazmente os seus ministerios pelo partido conservador, capitaneado por Bernardo Pereira de Vasconcellos, não quiz transigir com elle, e desgostoso tambem pela revolta que rebentára nas provincias do sul, abandonou a regencia em 1837 e retirou-se para S. Paulo.

Os ultimos annos da sua vida não são comprehensiveis facilmente. Parece que houve uma perturbação na sua altissima intelligencia. Começou por declarar que retractava e desdizia as suas opiniões contrarias ao celibato ecclesiastico, elle o homem de rija tempora e de austeros principios; depois, sabendo que rebentára um movimento revolucionario em Sorocaba, largou tudo para se ir pôr á frente d'esse movimento, apesar de se achar enfermo, elle que vieria comtudo para S. Paulo para se conservar afastado das luctas politicas do seu paiz. Preso imediatamente, foi conduzido para a capital do imperio, e d'ahi para a cidade de Victoria, na provincia do Espírito-Santo, onde esteve, até que em dezembro de

1842 lhe foi permittido ir tomar assento no senado, promovendo-se-lhe processo como chefe de rebelião, motivando isso uma exposição franca, feita por elle, do seu procedimento politico. Morreu a 10 de novembro de 1843. Austero e virtuoso como homem particular, politico liberal energico, d'uma intransigencia que ultrapassava todos os limites, Diogo Antonio Feijó foi, ainda assim, um dos homens mais notaveis do Brazil independente.

**João Paulo dos Santos Barreto**

Este distinto general nasceu em 28 de abril de 1788, sentou praça no regimento de artilharia em 1807, subindo tão rapidamente pelo seu merecimento na escala da promoção militar que em 1818 era capitão de engenheiros, em 1821 major e em 1823 tenente-coronel.

Tendo em 1817 servido nas tropas que debellararam a insurreição de Pernambuco, foi em 1818 nomeado lente substituto da Academia militar, em 1819 andou com o general Stockler estudando um syste-

ma de fortificações para o Rio de Janeiro, e em 1821 foi encarregado de reformar os estudos da escola militar da ilha Terceira.

Veio em commissão a Lisboa, e foi em seguida incumbido de ir a França n'outra commissão fazer estudos praticos de engenharia hydraulica.

Estava em França quando lhe chegou a noticia da revolução do Brazil. O seu patriotismo não o deixou permanecer no estrangeiro, e veio offerecer os seus serviços ao governo que proclamára a independencia brazileira. Aceitaram-lhos com todo o prazer, e Santos Barreto foi logo nomeado em 1824 secretario do conselho militar do imperador.

Em 1831 formou-se um batalhão de officiaes no Rio de Janeiro, e João Paulo dos Santos Barreto, que já então era coronel, recebeu o commando d'este batalhão sagrado.

Em 1835 foi por pouco tempo ministro da guerra, em 1840 foi nomeado commandante em chefe do exercito do Rio Grande do Sul, cabendo-lhe o encargo de domar a insurreição republicana, que lavrava n'esta província.

Não conseguiu subjugal-a, mas destroçou umas poucas de vezes os rebeldes, indo em seguida governar a província de Minas-Geraes, d'onde sahiu para tomar assento na camara dos deputados, sendo

chamado em 1846 a tomar conta da pasta da guerra. Foi outra vez ministro da guerra em 1848, exerceu importantes commissões militares, e morreu marechal do exercito no dia 1 de novembro de 1864 com 76 annos de idade.

**Luiz José Junqueira Freire**

Um dos mais notaveis poetas brazileiros d'este seculo, nasceu na Bahia a 31 de dezembro de 1832. Teve aos 7 annos uma doença de coração que poz em perigo a sua existencia, e de que sempre conservou vestigios no aspecto doentio. Aos quatorze annos matriculou-se no lyceu. Foi uma victima do romantismo. Tinha dezesete annos quando sentiu uma paixão infeliz por uma mulher, e, criança como era, entendeu que devia professar no convento dos carmelitas em 1851, não contando ainda dezenove annos; o claustro porém repugnou-lhe. A sua juvenil organisação reagiu contra o voto perpetuo. Pediu para ser dispensado de continuar na vida monastica, e

obteve de Roma sentença de secularização em 1854, mas no convento reapparecera-lhe a sua antiga doença de coração, aggravada ainda pelos sentimentos exagerados que abrigára no peito e que reagiam de um modo deplorável sobre o seu phisico. Morreu a 24 de junho de 1855, não tendo completado ainda vinte e tres annos. Deixou dous volumes: as *INSPIRAÇÕES DO CLAUSTRO* e as *CONTRADICÇÕES POÉTICAS*. Revelam um talento desvairado e impetuoso, cheio de originalidade na fórmula habitualmente incorrecta, mas de um colorido encantador. Publicou tambem na *REVISTA MINEIRA* o *Hymno do Caboclo*, dando-o como um inedito de um poeta do seculo XVII, Gregorio de Mattos. Junqueira Freire, além d'isso, deixou manuscripts dous poemas *PADRE ROSAS* e *DELTINHAS*, um drama *Fr. AMBROSIO* e um *TRATADO DE ELOQUENCIA NACIONAL*. Morrendo na flor dos annos, não pôde revelar senão uma parte incompleta do seu magnifico talento. Mas tinha-o na verdade e immenso, e um estro cheio de fogo, e uma inspiração apaixonada.

**Marquez de Paranaguá**

O grande mathematico, distincto poeta e illustre estadista Francisco Villela Barbosa, nasceu no Rio de Janeiro a 20 de novembro de 1769. Ficando orphão muito cedo, foi á custa de sua madrinha que concluiu os seus estudos preparatorios, e se foi formar na universidade de Coimbra, mas casando contra vontade da sua protectora, perdeu as mezadas que esta lhe dava, e, para concluir, como concluiu brillantemente, a sua formatura, teve de recorrer á illustrada e caridosa protecção do bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos.

Partindo para Lisboa, entrou em 1797 na armada

portugueza como segundo-tenente, e tomou parte em varias expedições maritimas. Em 1801 foi nomeado lente substituto da Academia de marinha. Passou depois para o exercito de terra, e regeu como proprietario a cadeira de geometria. N'esse tempo escreveu um celebre TRATADO DE GEOMETRIA ainda hoje adoptado nas escolas; eleito membro da Academia das sciencias e seu secretario interino, cumpriu com zelo os seus deveres academicos. Ao mesmo tempo conquistou merecida fama de poeta com a publicação dos seus POEMAS e da sua PRIMAVERA, que mostram que não são incompativeis com a aridez das matematicas a suavidade da poesia.

Em 1821 a sua patria, desejosa de ter como representantes homens verdadeiramente notaveis, elegeu-o deputado pelo Rio de Janeiro á assembléa constituinte. Villela Barbosa, sem deixar de cumprir os seus deveres de deputado brazileiro, mostrou-se com tudo bem pouco desejoso de vêr quebrar os laços que uniam a metropole ás colonias. Não acompanhou Feijó, nem Barata de Almeida nos seus protestos violentos, assistiu até ao fim ás sessões da constituinte, e só em 1823 se resignou a pedir a sua demissão do posto de major de engenharia que tinha no exercito portuguez. Partindo para o Brazil, onde foi logo chamado ao governo pelo novo imperador, mostrou

as mesmas tendencias, e seguiu com rigidez inabalavel a politica conservadora. Foi elle que aconselhou a dissolução da constituinte. Entrando posteriormente para o ministerio do marquez de Barbacena, cuja politica era mais brazileira, seguiu um caminho oposto que foi o que triumphou momentaneamente, porque D. Pedro demittiu o marquez de Paranaguá. A agitação popular obrigou D. Pedro a dar esse passo, mas a fraqueza do ministerio que lhe sucedeu, e cuja nomeação não bastou para satisfazer os exaltados, fez com que D. Pedro entendesse que procederia melhor persistindo no systema de resistencia, de forma que chamou de novo o marquez de Paranaguá ao poder em 5 de abril, mas a agitação popular rebenhou com tal furia que D. Pedro, não querendo ceder, preferiu abdicar.

O marquez de Paranaguá, no resto da sua vida politica, manteve-se sempre intransigente. Presidente do senado, para fazer triumphar o pensamento da maioridade do moço imperador, ligou-se com os liberaes, mas, passado esse momento, voltou logo para o seu campo. Ainda foi ministro da marinha no gabinete conservador de 23 de março de 1841, e morreu no Rio de Janeiro a 11 de setembro de 1846.

Respeitado como homem de sciencia, admirado

como poeta, foi muito impopular como estadista, mas ninguem lhe pode negar verdadeiros dotes politicos, e sobre todos o de uma energia indomavel. Nunca trepidou diante do pensamento de affrontar as turbas irritadas para fazer triumphar o principio de autho-  
ridade.

**D. Delphina Benigna da Cunha**

Notavel poetisa, cujo talento mais admirava e impressionava os seus compatriotas e contemporaneos por ser D. Delphina quasi cega de nascença, porque cegou aos vinte mezes com um ataque de bexigas. Filha do capitão-mór Joaquim Ferreira da Cunha Sá e Menezes, nasceu D. Delphina na provin-  
cia do Rio Grande do Sul, e na povoação de S. José do Norte no dia 17 de junho de 1791. Entregou-se ao estudo com ardor, apesar das difficul-  
dades originadas da sua triste situação, e em breve se manifestou poetisa de grande merito. Em 1834 publicou-se em Porto-Alegre um volume das suas poesias, em 1846 sahiu á luz outra collecção dos

seus versos dedicados á imperatriz viuva, e já em 1838 sahira outra offerecida pela authora ás suas patricias rio-grandenses. Doenças e tribulações atormentaram os ultimos annos da sua vida e morreu em 1857, deixando grande reputaçāo. Algumas das suas poesias mais notaveis foram insertas no PAR-NASO BRAZILEIRO.

**Fr. Francisco de Mont'Alverne**

Este illustre orador sagrado, não só o primeiro do Brazil, mas o primeiro na litteratura sacra portugueza do seculo XIX, chamava-se no seculo Francisco José de Carvalho, e nasceu no Rio de Janeiro a 9 de agosto de 1784. Professou na ordem franciscana em 1801 e em 1816 era nomeado prégador regional. Subiu na sua ordem até aos mais eminentes lugares, e na tribuna sagrada conquistou a primazia. Não era facil, porque o pulpito brazileiro honrava-se n'essa época com illustrações de primeira ordem, muito superiores ás do pulpito portuguez, que estava então em plena decadencia. Frei Francisco de Mont'Alverne tinha uma imaginação brilhantissima,

possuia uma vasta erudição tanto profana como theologicā, era um philosopho notabilissimo, tudo isso concorreu para o fazer grande entre os maiores; a sua presença, a sua voz contribuam ainda para dar um grande realce á sua eloquencia. Por longos annos foi nos templos brazileiros o assombro dos auditórios, como nas cadeiras que regeu nos conventos da sua ordem era tambem o encanto dos seus discípulos.

Um grande infortunio o salteou na força da vida. O estudo aturado debilitára-lhe a vista que de todo lhe faltou em 1836. Então abandonou o theatro dos seus triumphos, e cego e triste viveu dezoito annos no fundo do seu convento, antes sepulchro, segregado do mundo dos vivos. A instancias do imperador foi prégar no dia de S. Pedro de Alcantara de 1854. A nova geração, que só tradicionalmente o conhecia e admirava, pôde apreciar o que valia o grande orador, que lhe apparecia com a triplice auréola do talento, da velhice e do saber. Foi o seu ultimo dia de gloria e de jubilo. Voltou para o seu carcere voluntario, onde arrastou quatro annos de uma dolorosa vida, até que morreu no dia 3 de dezembro de 1858.

A sua biographia foi escripta em Portugal por um homem, que bem podia comprehendender a magia

do estylo do Lacordaire brazileiro, porque era tambem um mestre em riqueza e vernaculidade de linguagem, como o drama final da existencia do grande homem, porque era cego como elle. Esse biographo foi o visconde de Castilho. O Chrysostomo do Brazil, o orador de bocca de ouro teve em paginas de ouro tambem o seu panegyrico sublime.

**Manoel Odorico Mendes**

Nasceu no Maranhão a 24 de janeiro de 1799, ahí principiou a estudar humanidades estudos que concluiu em Portugal, aonde foi para se formar em philosphia na universidade de Coimbra. Interrompeu o seu curso não se sabe porque, e regressou ao Brazil em 1824; achou a sua província agitada pela politica, lançou-se com exaltação na lucta, foi eleito deputado e manifestou-se primeiro republicano, depois moderou-se, e prestou homenagem ao bom senso pratico, reconhecendo a necessidade indispensavel da ordem e da tranquillidade. Voltou á camara em 1844, e elaborou um projecto de reforma eleitoral. Em 1847 retirou-se para a Europa e entregou-se aos

estudos litterarios, publicando algumas poesias originaes mimosissimas, taes como o *Hymno à Tarde*, que é uma das joias da moderna litteratura brazileira, e sobretudo traducções muito apreciadas das obras de Virgilio e da *Iliada* de Homero.

Odorico Mendes morreu em França em 1864.

**Barão do Triumpho**

José Joaquim de Andrade Neves, um dos heroes da guerra do Paraguay, nasceu em 1807 no Rio Pardo, na provincia do Rio Grande do Sul. Em 1826 sentou praça de voluntario, mas n'esse mesmo anno se desligou, dando substituto, para auxiliar seu pai na sustentação de sua familia. Quando em 1835 rebentou a revolução republicana no Rio Grande, Andrade Neves com as guardas nacionaes militou a favor da causa imperial, distinguindo-se muitissimo em todos os combates em que entrou, e recebendo o posto de tenente-coronel honorario. Em 1851 serviu na campanha contra o celebre Rosas, e em 1864, quando rebentou a campanha do Paraguay, alli figu-

rou como general Andrade Neves á frente da sua famigerada cavallaria rio-grandense, que já déra a gloria a um outro heroe brazileiro, o barão de Serro Largo.

Foi em 1867 que a cavallaria pôde começar a desempenhar um papel importante na campanha do Paraguay, e desde então as victorias successivas de Andrade Neves tornam-n'o o terror dos paraguays, que chamam aos seus esquadrões *caballeria hora de cuenta*. Na batalha de Arroyo-Hondo, na tomada da villa do Pilar, no ataque de S. Solano, Andrade Neves dá provas d'uma bravura verdadeiramente temeraria. O glorioso titulo de barão do Triumpho recompensa dignamente as façanhas d'este heroe, que concorre para a feliz terminação da guerra, contribuindo efficazmente para a tomada de Humaytá e de Villeta, transformando com a sua cavallaria em destroço completo para os paraguays a derrota de Arahy, e desempenhando um papel brilhante na tomada de Lomas Valentinas. Não teve porém o jubilo de assistir ao triumpho que lhe déra o titulo, porque morreu de febre na Assumpção no dia 6 de janeiro de 1870.

**Antonio Gonçalves Dias**

Um dos primeiros poetas do Brazil n'este seculo. Nasceu na cidade de Caxias, na provincia do Maranhão, a 2 de agosto de 1824. Formou-se em Portugal na universidade de Coimbra, tomando o grau de bacharel em direito, e ahi foi companheiro e amigo d'aquellea brilhante geração academica, que produziu os poetas mais eminentes da escola romantica. Publicou em 1846 os PRIMEIROS CANTOS, acolhidos com entusiasmo pelo publico e saudados brilhantemente pela voz authorisada de Alexandre Herculano. Seguiram-se os SEGUNDOS CANTOS e os ULTIMOS, confirmado as esplendididas promessas do primeiro volume.

Aos 25 annos era já considerado um dos grandes poetas não só do Brazil, mas de toda a litteratura

portugueza. Não lhe bastava porém essa gloria, e quiz conquistar os louros de erudito. Para isso entregou-se a um trabalho excessivo, de que tirou magnificos fructos, mas que tambem concorreu para lhe abreviar a existencia.

Não só trabalhou no gabinete, mas percorreu em viagens estudosas o Brazil e a Europa. Numerosos relatorios sobre instrucção publica e o DICCIONARIO DA LINGUA TUPY justificaram a escolha do governo, que de muitos d'esses estudos o incumbira. A ultima viagem que fez á Europa em 1862 já foi determinada por motivos de saude. Em Paris achou-se em tão misera situação que resolveu ir morrer ao Brazil. A sua morte tinha de ser duas vezes lamentada, porque falsas informações espalharam no Brazil a noticia do seu falecimento, quando o poeta vivia ainda, e até se sentia melhor. D'ahi a alguns mezes a noticia falsa passava a ser verdadeira, e Gonçalves Dias morria, á vista das costas do Maranhão, no dia 3 de novembro de 1864, a bordo de um navio que logo depois naufragava. Deus deu a esse moço poeta, que morria com 40 annos apenas, duas consolações supremas: a de assistir em vida á sua apotheose, e a de ter por vasto e magestoso tumulo, já perfumado pelas auras da patria, a amplidão do oceano.

**João Francisco Lisboa**

Um dos mais celebres jornalistas brasileiros, nasceu no Maranhão a 22 de maio de 1812. Entrou no jornalismo aos 20 annos, combatendo energicamente nas fileiras do partido liberal. Dez annos esteve na brecha, adquirindo grande reputação de polemista, mas desgostou-se profundamente quando, apresentando a sua candidatura a deputado, viu que era apoiado com má vontade pelos seus correligionários. Então deixou a imprensa, e entregou-se á advocacia que lhe deu merecida fama. Em 1852 tornou áquelle campo apaixonado, mas em condições novas, livre de ligações partidárias, satyrisando a todos finamente. O JORNAL DE TIMON, uma verdadeira obra prima, tornou o seu nome popular em todo o imperio.

Depois de 1855 foi João Francisco Lisboa enviado a Portugal pelo governo, assim de colligir documentos para a historia do Brazil. Effectivamente remetteu copias importantes, e escreveu ao mesmo tempo a sua preciosa VIDA DO PADRE ANTONIO VIEIRA, que é uma das obras historicas mais valiosas que em lingua portugueza n'este seculo se tem escripto. No meio dos seus trabalhos veio em Lisboa surprehendel-o a morte a 26 de abril de 1863. Bastam o JORNAL DE TIMON e a VIDA DO PADRE ANTONIO VIEIRA para dar a João Francisco Lisboa um lugar distinto na galeria dos brazileiros illustres.

**Duque de Caxias**

O mais habil general brazileiro do seculo xix, Luiz Alves de Lima nasceu em 1803, pertencendo a uma familia oriunda do Algarve em Portugal. Adherindo com entusiasmo á causa da independencia brazileira, mas desejando vivamente a manutenção da ordem no novo imperio, poz a sua espada á disposição de D. Pedro I para suffocar a revolta, que o obrigou a abdicar. Servindo depois lealmente os governos que o Brazil sancionou com a sua adhesão e o seu voto, suffocou a revolta do Maranhão, a de S. Paulo e Minas, e finalmente a do Rio Grande do Sul, que pôz mais do que nenhuma outra em sério perigo a integridade do imperio brazileiro. Sempre vitorioso, foi elle quem dirigiu a campanha contra Rosas, e quem infligiu a derrota suprema a esse terrivel dictador. Ministro por varias vezes, foi o organisador

do exercito brazileiro que emprehendeu a campanha do Paraguay. Depois, pondo-se á frente d'esse mesmo exercito, franqueou os terriveis passos de Curupaiti e de Humaytá, ganhou umas poucas de batalhas, e, entrando triumphante na capital do Paraguay, fez tremlar nas rendidas muralhas de Assumpção a bandeira auri-verde. Ao conde d'Eu coube a gloria de debellar os ultimos esforços do dictador da republica, ao duque de Caxias coube a gloria indisputavel de ter vibrado a esse terrivel e energico inimigo do Brazil o golpe mais fundo, e que tornou, apesar da indomavel perseverança de Lopez, quasi desesperada a sua causa.

O governo e o povo do Brazil reconheceram sempre os altos serviços d'esse glorioso guerreiro, o governo dando-lhe com o bastão de marechal o titulo mais elevado da nobiliarchia brazileira, o povo fazendo em 1880 da morte do velho duque um verdadeiro luto nacional. É que todos reconheciam, como o author d'este livro já disse algures, que a espada do duque de Caxias, como a espada de Grant ou de Sherman, dera a um tempo á sua patria uma potente unidade, e á civilisação da America um glorioso triumpho.

## INDICE

---

	PAG.
I — Ararigboia .....	1
II — Jorge d'Albuquerque Coelho .....	2
III — Jeronymo d'Albuquerque Maranhão .....	6
IV — Salvador Corrêa de Sá e Benevides .....	8
V — Mathias d'Albuquerque .....	11
VI — Luiz Barbalho Bezerra .....	14
VII — D. Antonio Philippe Camarão .....	17
VIII — Henrique Dias .....	21
IX — André Vidal de Negreiros .....	24
X — Alexandre de Gusmão .....	26
XI — Antonio José da Silva .....	29
XII — Bento do Amaral .....	31
XIII — Bartholomeu Bueno da Silva .....	33
XIV — Bartholomeu Lourenço de Gusmão .....	35
XV — Fr. Fabiano de Christo .....	38
XVI — João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho .....	39
XVII — Sebastião da Rocha Pitta .....	42
XVIII — D. Francisco de Lemos .....	44
XIX — Francisco de Mello Franco .....	47
XX — José Basilio da Gama .....	49
XXI — Claudio Manoel da Costa .....	52
XXII — Frei José de Santa-Rita Durão .....	56
XXIII — Manoel Ignacio da Silva Alvarenga .....	58
XXIV — Francisco José de Lacerda e Almeida .....	60
XXV — Antonio de Moraes Silva .....	62
XXVI — Antonio Pereira de Sousa Caldas .....	64
XXVII — Thomaz Antonio Gonzaga .....	67
XXVIII — Ignacio José de Alvarenga Peixoto .....	69

	PAG.
XXIX — Alexandre Rodrigues Ferreira.....	71
XXX — José Francisco Cardoso.....	75
XXXI — Theodoro Ferreira de Aguiar.....	76
XXXII — Joaquim Manoel de Faria Lima e Abreu.	78
XXXIII — Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas	80
XXXIV — Januário da Cunha Barbosa.....	81
XXXV — Cipriano José Barata d'Almeida.....	83
XXXVI — Damião Barbosa d'Araujo.....	86
XXXVII — José Bonifácio d'Andrade e Silva.....	88
XXXVIII — Martim Francisco Ribeiro d'Andrade.....	91
XXXIX — Antonio Carlos Ribeiro d'Andrade Machado e Silva.....	94
XL — Fr. Francisco de S. Carlos.....	97
XLI — Marquez de Maricá.....	99
XLII — Marquez de Caravellas .....	101
XLIII — Marquez de Olinda.....	103
XLIV — Visconde de Cayrú.....	107
XLV — Prudencio Geraldes T. da Veiga Cabral..	110
XLVI — Casimiro d'Abreu.....	112
XLVII — Barão do Serro Largo.....	116
XLVIII — José Leandro de Carvalho .....	118
XLIX — Manoel Dias .....	120
L — José Mauricio Nunes Garcia .....	122
LI — João Alvares Carneiro.....	125
LII — Marquez de Barbacena.....	127
LIII — Diogo Antonio Feijó .....	131
LIV — João Paulo dos Santos Barreto.....	135
LV — Luiz José Junqueira Freire.....	138
LVI — Marquez de Paranaguá.....	140
LVII — D. Delphina Benigna da Cunha.....	144
LVIII — Fr. Francisco de Mont'Alverne.....	146
LIX — Manoel Odorico Mendes.....	149
LX — Barão do Triumpho.....	151
LXI — Antonio Gonçalves Dias.....	153
LXII — João Francisco Lisboa.....	155
LXIII — Duque de Caxias.....	157